

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

**6ª BIENAL DE ARTES VISUAIS DO MERCOSUL:  
REFLEXOS DO PROJETO PEDAGÓGICO**

**GORETI COSTA BUTIERRES**

**PORTO ALEGRE  
2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

**6ª BIENAL DE ARTES VISUAIS DO MERCOSUL:  
REFLEXOS DO PROJETO PEDAGÓGICO**

Trabalho de Conclusão apresentado  
ao Curso de Especialização em  
Pedagogia da Arte como  
requisito parcial à obtenção do  
título de Especialista em Pedagogia  
da Arte.

Orientadora: PROF<sup>a</sup>.DR<sup>a</sup>. Luciana  
Gruppelli Loponte

**GORETI COSTA BUTIERRES**

**PORTO ALEGRE  
2008**

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu pai Acelino e à minha mãe Altiva (*in memoriam*), por que olhando para o exemplo deles aprendi que não basta existir e ter; é preciso realizar e ser.

À Ada Sallaberry de Almeida com quem aprendi que não é possível realizar e ser sem amar o outro e sem partilhar tudo o que temos, inclusive, os conhecimentos adquiridos. Usando suas palavras “a vida é um entregar-se a Deus, à natureza e ao nosso próximo”.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, pela família e pelos  
Amigos e Amigas;

Às minhas filhas Kelly e Gabrielly, meu  
neto Pedro, meu pai Acelino, meus  
irmãos Roberto, Rosaria e Rogério,  
minha “sobrinha” Gisele e demais  
sobrinhos(as) por compreenderem minha  
ausência prolongada;

À minha orientadora Luciana Gruppelli  
Loponte pela orientação tranqüila;

Aos professores e professoras aos  
colegas de sala da UFRGS que assim  
como minha orientadora e um “certo  
Capitão” não me deixaram desistir do  
curso quando da enfermidade do meu pai  
em especial Mônica, Mariângela, Rita,  
Paola, Pedro, Rafael e Rodrigo aquele  
abraço coletivo na esquina me deu força  
e coragem para continuar e concluir o  
curso, beijos até...

À Ada, Gabriela Bon, Josiane Tesch,  
Marinês Rodrigues e Madá, Antônio  
Gomes, Erabétia e Rovam, Heloisa  
Ângelo e Tiago pelo apoio emocional e  
técnico e a revisão ortográfica desse  
trabalho;

À Fundação Bienal do MERCOSUL;

À todas e todos que me ajudaram a  
chegar até aqui, obrigada, mesmo.

“Somos todos anjos de uma asa só e só  
poderemos voar quando abraçados uns  
aos outros” -Paulo Leminski-

*Faz parte de uma velha discussão  
se o que se faz,  
faz parte da arte  
ou da razão.*

(André Appel)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. BIENAL DO MERCOSUL	12
Ação Educativa	18
2. 6ª BIENAL: O PROJETO PEDAGÓGICO ARTE PARA EDUCAÇÃO / EDUCAÇÃO PARA ARTE	23
3. EM BUSCA DOS REFLEXOS	29
4. ENCONTRO COM OS REFLEXOS	32
REFLEXOS: CONSIDERAÇÕES OU PRISMAS	60
REFERÊNCIAS	63
ANEXO A	65

## LISTA DE FIGURAS

Todas as imagens são encontradas nas publicações ou site da Fundação Bienal do MERCOSUL, <http://www.bienalmercosul.art.br>, exceto aquelas seguidas de créditos.

- FIG.01 – Logo da 1ª Bienal do MERCOSUL  
 FIG.02 – Logo da 2ª Bienal do MERCOSUL  
 FIG.03 – Logo da 3ª Bienal do MERCOSUL  
 FIG.04 – Logo da 4ª Bienal do MERCOSUL  
 FIG.05 – Logo da 5ª Bienal do MERCOSUL  
 FIG.06 – Identidade visual da 6ª Bienal do MERCOSUL - Foto Gabriela Bon  
 FIG.07 – Divulgação da Bienal na Imprensa  
 FIG.08 – Material Pedagógico da 6ª Bienal  
 FIG.09 – Encontro de Formação de Professores  
 FIG.10 – Mediadores com grupo de visitantes  
 FIG.11 – Projeto Pedagógico da 6ª Bienal  
 FIG.12 – Crianças no espaço educativo  
 FIG.13 – Universitários no Curso de Mediadores  
 FIG.14 – Curador Geral Gabriel Pérez-Barreiro  
 FIG.15 - Curador Pedagógico Luiz Camnitzer com mediadores  
 FIG.16 – Artista Nelson Leirner com mediadores  
 FIG.17 – Aquário de Cores  
 FIG.18 – Mediador construindo material na oficina do MARGS – Foto do acervo da equipe de mediadores.  
 FIG.19 – Alguns integrantes do grupo Raios de Sol - Foto do acervo da equipe de mediadores.  
 FIG.20 – Menina interagindo com a obra de Atria  
 FIG.21 – Mediação com equipe de seguranças do MARGS – Foto do acervo da equipe de mediadores  
 FIG.22 – Oficina com equipe de segurança do MARGS - Foto do acervo da equipe de mediadores.  
 FIG.23 – Educandos no Ateliê do MARGS – Foto do acervo da equipe de mediadores  
 FIG.24 - *Uma vez, cada vez, todas as vezes, 2007/2008 massa de modelar* (300x900cm) Magdalena Atria – coleção da artista.  
 FIG.25 – Artista Magdalena Atria construindo sua obra na 6ª Bienal.  
 FIG.26 – Detalhe da obra Marulho – Cildo Meireles, Brasil, 1991-2001 - instalação  
 FIG.27 – Beth Campbell- *Erro de continuidade sem fim* (técnica mista, 2004) – coleção da artista.  
 FIG.28 - *As torres gêmeas*- Osvaldo Salerno, 2005 (materiais diversos)  
 FIG.29 – Vidas paralelas Jorge Macchi, 1998, caixa de fósforos (aberta) 7x20x20 cm.  
 FIG.30 – Obra de Nelson Leirner *Lot(e)*, 2006- Instalação (235x400x600cm)  
 FIG.31 -Alguns Brasis-, instalação apresentada na atividade CONVERSACÕES INTERNACIONAIS 2008 – DIFERENÇA e FABULAÇÃO organizada pela Secretaria Municipal de Educação (SMED), no cais do porto, Porto Alegre de 24 a 26 de setembro/2008 - Foto Ada Sallabery de Almeida.  
 FIG.32 -Alguns Brasis-, instalação apresentada na atividade CONVERSACÕES INTERNACIONAIS 2008 – DIFERENÇA e FABULAÇÃO organizada pela Secretaria Municipal de Educação (SMED), no cais do porto, Porto Alegre de 24 a 26 de setembro/2008 - Foto Ada Sallabery de Almeida.

## RESUMO

Palavras-Chave: Arte/Educação; Bienal de Artes visuais do MERCOSUL; Projeto Pedagógico.

Porto Alegre sedia, desde 1997, a Bienal de Artes Visuais do MERCOSUL. Este evento é uma das principais mostras de arte contemporânea da América Latina e reúne artistas não só da América como de outros continentes. Integra-se a Ação Educativa -AE- da Bienal o Projeto Pedagógico -PP- como subsídio para educadores e educandos no ensino da arte, procurando aproximar a arte contemporânea do público visitante da mostra, fazendo-o (re)pensar a educação sob a perspectiva da arte. O objetivo dessa pesquisa é observar os reflexos do PP da 6ª Bienal em escolas nas quais educadores e educandos tenham participado do projeto, visitado algum dos roteiros e recebido os *kits* com sugestões de exercícios críticos para serem desenvolvidos em sala de aula, investigando se estas usam o material oferecido pelo PP como ferramenta de aprendizagem nas aulas de arte/educação. O corpus de análise desta pesquisa é composto por entrevistas abertas com dez educadores de sete escolas das redes municipal e estadual de Porto Alegre/RS que visitaram a 6ª Bienal com seus educandos, conforme relatórios pesquisados na Fundação Bienal e com um educador em entrevista informal (fora do ambiente escolar). Nas entrevistas foi enfatizado o uso ou não do material pedagógico que é oferecido aos educadores pelo PP em sala de aula. A análise dos dados coletados permitiu a identificação do desenvolvimento de atividades em sala de aula por esses educadores que fazem uso das fichas com obras de artes e sugestões de atividades oferecidas pelo PP, não só na arte/educação como em outras disciplinas mesmo após o término da mostra. Com base nos dados analisados é possível concluir que o PP da 6ª Bienal de Artes Visuais do MERCOSUL tem reflexos nas atividades desenvolvidas em sala de aula por esses educadores que têm as fichas da Bienal como ferramenta - e não raro a única - auxiliar no desenvolvimento do seu trabalho cotidiano.

## INTRODUÇÃO

A educação em arte foi uma das lentes que me permitiu ver/enxergar a importância da Ação Educativa (AE) e dos projetos pedagógicos desenvolvidos em exposições de museus e em mostras como a Bienal de Artes Visuais do Mercosul na qual atuei como mediadora na 5ª edição e como assistente de supervisão na 6ª. Como integrante da equipe da AE, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) pude observar como se dá a atuação dos mediadores, como o material educativo e os encontros de formação para professores contribuem na preparação dos grupos que visitam a Bienal, instigando a aproximação dos grupos com a arte contemporânea durante os roteiros de visita.

Durante a minha formação acadêmica sempre questioneei sobre os rumos da educação em artes visuais nas escolas. Nas observações para realização do estágio obrigatório constatei que visitas a museus e mostras de artes são inexpressivas e, quando raramente acontecem, têm pouca ou nenhuma relação com a arte/educação.

No decorrer da graduação surgiu a oportunidade de integrar a equipe do PP da 5ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul no MARGS como mediadora, uma experiência ímpar. Em contato com o público, fiz uso da teoria estudada na universidade durante o curso de Artes Visuais -licenciatura- e vivenciei a prática pedagógica de uma maneira muito rica e instigante. A cada grupo mediado uma surpresa, um jeito novo de integração, de comunicação e de descoberta da arte contemporânea que pode causar estranhamento em alguns visitantes que, muitas vezes, têm na visita à Bienal a única oportunidade de aproximação com a arte.

Ao apreciar as obras cada sujeito vê e sente de uma maneira diferente, o que gera discussões ímpares nos grupos durante os roteiros de visitação. Leituras diferentes sobre a mesma obra, cada sujeito um olhar, uma aproximação muito íntima e não raro indizível. Dessa vivência resultou o meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC - apresentado à banca no curso de Artes Visuais Licenciatura na Fundação Universidade Federal do Rio Grande- FURG- com o título *Um olhar sobre a Bienal de Artes Visuais do MERCOSUL*.

Na 6ª edição, já estava graduada o meu olhar foi outro. Por dentro do evento, como assistente de supervisão, tive outra vivência. Pude entender melhor como se dá a formação das equipes de mediadores, participar da organização das equipes de trabalho no MARGS, organizar os grupos que visitam o museu e fazer os relatórios diários que

dão subsídios a Fundação Bienal do MERCOSUL e permitem uma melhor organização no planejamento da AE. Foi outro viés, não menos instigante e apaixonante que o primeiro, mas uma nova e rica experiência, que compartilho com outros arte/educadores e educandos por intermédio dessa pesquisa, que tem como conceito principal a arte/educação e como foco a Ação Educativa na 6ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul.

O trabalho prático foi desenvolvido em sete escolas (seis da rede municipal e uma da rede estadual de Porto Alegre-RS/Brasil) que foram visitadas pelos mediadores antes da abertura da Bienal, os quais receberam material do Projeto Pedagógico para desenvolver atividades em sala de aula e visitaram algum dos roteiros da 6ª Bienal com seus educandos. Por meio de entrevistas com educadores destas escolas busco identificar os reflexos do PP, bem como se ao término da Bienal os *kits* com material pedagógico continuam sendo usados no cotidiano escolar para o desenvolvimento de atividades em sala de aula e pesquisas nas bibliotecas e se contribuem com a arte/educação no sentido de aproximar a arte contemporânea de educadores e educandos instigando seu processo criativo.

Em campo visitei escolas de Educação Infantil - EMEI-, de Educação Especial, de Educação de Jovens e Adultos - EJA - e das Séries Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. Encontrei oito educadoras (com e sem formação em Artes) e dois educadores sendo que um não atua em sala de aula. Entrevistei, informalmente, uma professora de unidocência para 4ª série que não autorizou a gravação da nossa conversa nem a minha visita à escola que trabalha e que não tem o hábito de visitar museus, espaços culturais e as Bienais.

Em minhas andanças encontrei educadores apaixonados pelo que fazem e comprometidos com a arte/educação. Desenvolvendo projetos que envolvem não só as suas turmas, mas toda a escola, direção, funcionários e até familiares que são levados pela escola junto a seus filhos para visitar as Bienais e outras exposições. Encontrei também uns poucos (ainda bem que foram poucos) educadores menos apaixonados pelo que fazem, sem projetos envolventes e fazendo um uso muito tímido, apenas de apresentação e leitura das fichas da 6ª Bienal e ainda uma professora que disse que não visita mais a bienal e outras exposições de arte contemporânea porque não vai ficar respondendo a perguntas de alunos que não entenderam nada do que viram.

Fui agradavelmente surpreendida nas duas escolas de Educação Especial, nas duas de EJA e na EMEI . Projetos muito bem elaborados de arte/educação com o

cuidado de abranger o empírico e o cognitivo de cada sujeito, o hábito de visitar exposições de arte contemporânea especialmente no Santander Cultural (citado por todos educadores). As Bienais do MERCOSUL e a organização de mostras com trabalhos de artes dos educandos fazem parte do cotidiano dessas escolas que assim contribuem para a formação de cidadãos mais críticos e aptos a perceberem, através da comunicação com a arte contemporânea, a realidade da sociedade em que estão inseridos, e a descobrirem seu potencial criativo.

Para melhor contextualizar o leitor, conto, brevemente, no capítulo a seguir a história da Bienal do MERCOSUL, que foi sonhada por um pequeno grupo de artistas, críticos de arte e empresários, e hoje, faz parte da história do Rio Grande do Sul, sendo reconhecida pelo público visitante, pela imprensa, por artistas e críticos especializados em artes, como a maior mostra de arte contemporânea da América Latina, dado este confirmado por matérias veiculadas na mídia nacional e internacional durante a realização da Bienal, e por registros do Núcleo de Documentação e Pesquisa da Fundação Bienal do MERCOSUL.

Depois dedico um capítulo à Ação Educativa da Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, sua importância para a Arte/Educação e a ênfase à educação dada pela AE no desenvolvimento dos seus projetos pedagógicos desde a primeira edição, culminando com a incorporação do PP no Projeto Curatorial da 6ª Bienal do MERCOSUL. Por toda a ênfase que o PP da 6ª Bienal deu à educação, ele merece um capítulo nessa pesquisa que tem como objetivo principal buscar seus reflexos no ensino em artes. Esses reflexos são apresentados com base nos excertos das entrevistas com os educadores e em teóricos como Ana Mae Barbosa, Mirian Celeste Martins, entre outros, que contribuem para que se chegue às considerações finais com um embasamento teórico enriquecido e propositor.

## 1. A BIENAL DO MERCOSUL

Com o intuito de descentralizar a arte do eixo Rio - São Paulo e com a intenção de dar visibilidade, colocar em debate e firmar um intercâmbio da arte do sul da América Latina, em 1987 apareceu a proposta de realizar a Bienal de Artes no Sul. A produtora cultural Maria Benites Moreno elaborou um projeto chamado Bienal do CONE SUL, colocou em uma pasta cor-de-rosa e a entregou à secretária de cultura Mila Cauduro. Esta pasta foi parar em uma gaveta, enquanto em Curitiba a idéia de uma Bienal do CONE SUL ganhava força (MARGS 2005, pp. 14-15).

Em Porto Alegre/RS, um grupo de artistas, empresários, políticos, intelectuais e alguns amantes das artes não se conformava com o esquecimento da pasta rosa. Da idéia inicial de uma bienal aconteceu, então, o Encontro Latino-Americano de Artes Plásticas, que continuou acontecendo em Porto Alegre por mais alguns anos e em outros países latino-americanos. Em 1994, a idéia da realização da Bienal do MERCOSUL ganha força e o grupo tinha uma cópia da pasta cor-de-rosa, que foi levada ao candidato a governador, Antônio Britto, com um abaixo-assinado com muitas reivindicações para o setor das artes, inclusive a realização da Bienal do MERCOSUL.

Após meses de discussão, o grupo propôs a criação de uma fundação de direito privado sem fins lucrativos. Em 1996 é criada a Fundação de Artes Visuais do MERCOSUL, que teve como primeiro presidente o Sr. Justo Werlang. O governo do estado criou uma comissão para elaborar o anteprojeto da Bienal, coordenada pelo professor e escritor José Luiz do Amaral, que deveria estabelecer pontos básicos, definir como seria uma bienal, e encaminhar sua realização.

Conforme MARGS (nº110/2005 pp. 14-15), o lançamento oficial da primeira Bienal de Artes Visuais do MERCOSUL ocorreu em 11 de junho de 1996, com a finalidade de promover o resgate da arte latino-americana, de oportunizar o acesso de milhares de pessoas às artes, de ser mais um elo de integração latino americana e colocar o Brasil como referência internacional nas artes visuais. E, além disso, favorecer a integração de esforços governamentais e empresariais na promoção das artes.

Finalmente na primavera de 1997, foi aberta ao público, em Porto Alegre, a 1ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul (Fig. 01), tendo como presidente Justo Werlang. O curador geral foi o crítico de arte Frederico Moraes, o artista plástico homenageado foi o argentino Alejandro Xul Solar, a Venezuela era o país convidado e contou com a participação de Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Foram

implantadas onze esculturas no Parque Marinha do Brasil, além da participação de cinco galerias de arte de Porto Alegre e uma de Novo Hamburgo, que se integraram ao projeto da Bienal.



Fig. 01 – Logo 1ª Bienal do MERCOSUL

A ação educativa foi coordenada pela professora Margarita Kremer e realizou dois seminários internacionais, com trinta e seis palestrantes/críticos, mundialmente conhecidos, e diversas atividades para os educadores. O sucesso da Mostra foi amplamente divulgado pela mídia falada, televisada e escrita, através de intensas reportagens. (FUNDAÇÃO BIENAL DO MERCOSUL, 2006).

A segunda edição (Fig.02), em 1999, teve como presidente Ivo Nesralla, curadoria geral de Fábio Magalhães e a curadoria adjunta de Leonor Amarante. Foram trezentos e setenta obras de arte, de duzentos artistas plásticos, seis países participantes, e a Colômbia, como país convidado. O artista homenageado foi o gaúcho Iberê Camargo. O projeto de ação educativa foi novamente coordenado pela professora Margarita Kremer que contou com uma direção de educação coordenada por Evelyn Berg Ioschpe. O projeto deu ênfase principalmente ao público infanto-juvenil.(Fidelis,2005 p159)



Fig. 02 – Logo da 2ª Bienal do MERCOSUL

A terceira Bienal (Fig.03), com o mesmo presidente e curador geral da 2ª e com curadoria-adjunta de Leonor Amarante, homenageou o artista plástico Rafael França. Foram seis países participantes: Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai, e o Peru como país convidado. A mostra iniciou em outubro de 2001, com seis espaços na cidade que abriam as portas para a arte contemporânea. A mídia deu grande divulgação à 3ª Bienal que contava a partir de então, com novo espaço: o Santander Cultural.



Fig. 03 – Logo da 3ª Bienal do MERCOSUL



Fig. 04 – Logo da 4ª Bienal do MERCOSUL

A grande inovação da 3ª Bienal estava às margens do lago Guaíba, próximo ao Teatro Pôr do Sol, onde foi montada a Cidade de Contêineres. Uma cidade, montada com grandes caixas, normalmente usadas para transporte naval, formando ruas e becos que levavam os visitantes ao encontro da arte contemporânea proporcionando-lhes experiências significativas ao se relacionarem com as obras expostas (FIDELIS, 2005 p. 159). Porto Alegre entrava para a história da arte, e a Bienal do MERCOSUL firmava-se com uma das maiores exposições de arte latino-americana. O projeto pedagógico buscou manter uma continuidade em relação à primeira mostra, ofereceu *kits* de material pedagógico, oficinas para os educadores, três seminários internacionais e encontros com alguns dos artistas participantes da Bienal.

A 4ª Bienal (Fig.04) de Artes Visuais do Mercosul teve Renato Malcon como presidente, Nelson Aguilar como curador geral, Franklin Espath Pedroso como curador-adjunto e o artista plástico gaúcho, Saint Clair Cemin, da cidade de Cruz Alta, foi o artista homenageado. A exposição teve dezessete mostras de artes visuais, setenta e seis artistas, quinhentos e oitenta e oito obras distribuídas em cinco espaços da cidade: Santander Cultural, Memorial do Rio Grande do Sul, MARGS, Usina do Gasômetro e,

como não poderia faltar novidade na Bienal, a exposição desta vez ocupou quatro armazéns do cais do porto, totalmente recuperados para a cidade de Porto Alegre.

O projeto da AE foi concebido e coordenado por Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque e foi baseado em dois verbos: *dialogar* e *aproximar*. Como o objetivo de construir aproximações como o público em um processo de comunicação a ação educativa da 4ª Bienal também inovou. O curso de formação sob coordenação da professora Mônica Zielinsky da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS- apresentou mediadores no lugar dos monitores, que atenderam aos estudantes de escolas públicas e particulares e de instituições diversas, contou também com o Espaço-Educação-Cultura, um local de troca de experiências com biblioteca específica e material pedagógico. A 4ª Bienal foi uma congregação entre Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai, tendo o México como país convidado (FIDELIS 2005 p. 162).

A 5ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul (Fig.05) aconteceu de 30 de setembro a 04 de dezembro de 2005. Com o propósito de relacionar as transformações do espaço público com a arte contemporânea e contemplar um público, além de artistas e especialistas em arte, o curador Paulo Sérgio Duarte, usou o tema Histórias da Arte e do Espaço – construção e expressão nas experiências de espaço na arte contemporânea.



Fig. 05 – Logo da 5ª Bienal do MERCOSUL

Nesta edição, foram cento e sessenta e nove artistas, de sete países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, México, incorporado com país participante, Paraguai e Uruguai. Diferentemente das outras edições, a 5ª Bienal apresentou as obras por afinidades de linguagens e não por nacionalidade dos artistas, mostrando ao público que a arte não tem fronteiras geográficas ou políticas. Essas linguagens foram separadas em quatro vetores temáticos: “Da escultura à instalação”, “Transformações do espaço público”, “Direções no novo espaço” e “A persistência da pintura”.

O vetor especial “Amilcar de Castro (1920-2002) -uma retrospectiva-” teve vários núcleos, o que possibilitou que todos os visitantes apreciassem as obras do

artista homenageado, mesmo aqueles que não percorressem toda a Bienal. A 5ª Bienal teve ainda a mostra *Fronteiras da Linguagem*, com artistas de fora da América Latina. Concretizando a visão do curador geral, de que arte não tem fronteiras, estavam no armazém sete do Cais do Porto, os artistas Marina Abramovic, da Iugoslávia, Pierre Coulibeuf, da França, Ilya e Emília Kabakovik e Stephen Vitiello, dos Estados Unidos, levando o espectador a refletir sobre a diversidade cultural e sem fronteiras das artes visuais. O PP recebeu atenção especial do curador geral que participou de todo o curso de formação para os mediadores; assim, a implantação de um projeto educativo a longo prazo para a Fundação Bienal do MERCOSUL cresceu como debate durante o processo de realização da 5ª Bienal. Para o curador Paulo Sérgio Duarte, o estabelecimento de um projeto educativo, contínuo e sistemático ampliaria o raio de visibilidade e consolidação da exposição em uma perspectiva de potencializar o entendimento sobre a arte contemporânea. A AE ofereceu aos educadores e ao público em geral o simpósio internacional *A Arte Contemporânea: Posições e Direções em Perspectivas*, diversos seminários, palestras, encontros com artistas expositores da mostra, o projeto *Diálogos Culturais*, com professores e artistas que enfocaram temáticas relativas à arte contemporânea (FIDELIS, 2005 p164) em um amplo espaço localizado no cais do porto especialmente projetado para o PP.

Entre 1º de setembro e 18 de novembro de 2007 aconteceu a 6ª Bienal (Fig.06), que se diferenciou das edições anteriores já na formação da equipe, quando foi instituído um curador geral e um curador para o PP. A curadoria adotou a metáfora “*A terceira margem do rio*”, título de um conto de João Guimarães Rosa, e não um tema como nas edições anteriores. O curador geral, Gabriel Pérez-Barreiro, apresentou uma proposta bem mais livre, que fugiu das fronteiras geográficas limitadoras, e foi desenvolvida a partir do MERCOSUL. Nesta edição foram expostas mais de duzentas e cinquenta obras de sessenta e sete artistas, oriundos de vinte e três países diferentes.



Fig. 06 – Identidade visual da 6ª Bienal de Artes Visuais do MERCOSUL

O projeto educacional foi incorporado ao curatorial e vinculado ao conceito da Mostra, ao invés de ser pensado só no final e ter que se adaptar à exposição como nas edições anteriores. Foi construído com base em uma proposta pedagógica que teve como metodologia a participação ativa do visitante, partindo do princípio que este é um ser criativo, e não um mero consumidor de arte. Este foi o grande diferencial desta edição da Bienal, pois ao visitante não foi oportunizada uma simples apreciação das obras, mas uma reflexão sobre o processo de criação dos artistas.

Na experiência da fruição estética, é necessário deixar a obra ser, presença única, realidade sensível carregada de significado espiritual e de valor artístico (MARTINS, 1998, p. 76) deixando o espectador livre para absorver os trabalhos, opinar sobre o resultado final da arte que está sendo apreciada, e com liberdade para expressar seus conhecimentos e vivências.

A 6ª Bienal veio com a proposta de ser uma bienal pedagógica, o que fez a Ação Educativa ter um crescimento considerável, destacada por educadores, educandos e imprensa falada e escrita (Fig.07).



Fig.07 – Divulgação da Bienal na Imprensa.

## 1.1 AÇÃO EDUCATIVA

A arte/educação em espaços expositivos como suporte para o aprendizado no Brasil iniciou, timidamente: “[o] trabalho do arte/educador nos museus tem sido improvisado, desde os anos cinquenta, quando Ecylla Castanheira Brandão e Sigrid Porto de Barros começaram a organizar os primeiros serviços educativos em museus, no Rio de Janeiro” (BARBOSA, 2002, p.83). E continuou tímido e limitado a visitas guiadas por monitores até o final da década de 70. Nos anos 80 o Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro iniciou o desenvolvimento de projetos mais envolventes do que as visitas guiadas e narrativas.

Em 1986, em São Paulo, o Museu Lasar Segall desenvolveu um projeto diferenciado dos demais, centrado no processo criativo e voltado para crianças, denominado *A criança vê Segall*, no qual também começou a aparecer uma preocupação com a apreciação estética mais participativa. (FRANZ, 2001, p. 44)

A Bienal de Artes Visuais do Mercosul deu especial atenção ao seu programa educativo desde a sua primeira edição, não só investindo em recursos humanos e financeiros, como também buscando parcerias que se identifiquem com o PP. A elaboração do material gráfico do PP (Fig.08), que serve de subsídios para os educadores desenvolverem atividades nas escolas, também recebeu especial atenção desde a primeira Bienal e vem sendo aprimorado a cada edição.



Fig.08 – Material Gráfico do PP.

O projeto da Ação Educativa (AE) tem procurado envolver as secretarias do Estado e de municípios, instituições de ensino e formação em artes e principalmente os educadores e educandos das redes pública e privada. O PP procurou, ao longo da história das Bienais do MERCOSUL, abrir caminhos para a socialização do conhecimento das artes plásticas, da integração cultural do MERCOSUL, para estimular a presença da arte latino-americana nos currículos escolares e para ampliar o acesso ao universo da arte a um público diversificado de várias faixas etárias, classes sociais e culturais.

Cada curadoria pensou seu projeto que se desdobrou nas mais variadas atividades pedagógicas. Estas atividades incluíram a formação de estudantes que iriam acompanhar os visitantes, encontros de formação para professores (Fig.09), encontros com educadores e artistas da mostra, seminários para o público especializado e simpósios. Cada projeto educativo delineou as suas prioridades, mas sempre era desvinculado do evento, sendo desenvolvido sempre a partir da Bienal. Toda a exposição era pensada antes e a ação educativa ficava para o final, tendo que se adequar ao que já estava pronto.



Fig.09 – Encontro de Formação de Professores

A Bienal do MERCOSUL sempre teve uma ação educativa importante, diferenciando-se por isso das demais bienais. O PP, por sua importância, faz parte da história da mostra por ter sido desenvolvido em todas as edições e fazer parte da arte/educação não só durante as visitas dos grupos à Mostra, mas pelo uso do seu material pedagógico por educadores e educandos em sala de aula e em bibliotecas escolares. Essa história é contada por Gaudêncio Fidelis no livro *Uma História Concisa*

da *Bienal do Mercosul*, que tem um capítulo dedicado aos projetos da Ação Educativa, cujos fragmentos uso a seguir para melhor contextualizar essa história.

Desde a primeira edição, um considerável aporte de recursos, tanto humanos como financeiros, foi investido em projetos educativos para cada uma das exposições da Bienal do MERCOSUL. Cada uma delas pensou seu próprio projeto e os desdobramentos destes durante a execução do evento [...] A 1ª Bienal do MERCOSUL visou a instituir um projeto educativo em sintonia com o projeto curatorial. Como prioridades estavam “... abrir caminhos, delinear trajetórias e oportunizar situações, socializando assim o conhecimento das artes plásticas e a alfabetização estética tão importante para todos os segmentos da sociedade”. [...] Entre seus principais objetivos, constava: “Fomentar a integração cultural do MERCOSUL, a partir das artes visuais, e promover a cidade de Porto Alegre, o estado do Rio Grande do Sul e o Brasil a partir de um evento integrador, de grande projeção no âmbito do MERCOSUL e no panorama cultural internacional”. A 2ª Bienal tentou, através de um projeto de Ação Educativa, dar ênfase a um processo de mediação da obra de arte contemporânea concentrada principalmente no público infanto-juvenil.[...] O projeto de educação visou a “ampliar o acesso ao universo da arte para um público diversificado, possibilitando que pessoas de várias idades, classes sociais e níveis culturais vivessem experiências significativas ao se relacionarem com as obras expostas na 2ª Bienal, podendo assim expandir seus conceitos da arte”.[...] O projeto pedagógico da 3ª Bienal teve como vetor conceitual a “Pedagogia Urbana: A cidade como espaço educador”. O projeto promoveu uma continuidade em relação à 1ª Bienal e procurou, através do conceito de uma “cidade educadora”, que... “Remete a uma pedagogia urbana voltada ao cotidiano, a história e aos espaços de uma cidade, desenvolve[r] uma proposta de trabalho na qual repassar o conhecimento é a chave para ingressar no universo da arte”. Para o curso de monitores foi realizado um convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul que através do Instituto de Artes sediou as aulas sob a coordenação da Prof. Dra. Icléia Cattani. O tema da 4ª Bienal, “Arqueologias Contemporâneas” foi utilizado como uma chave para desencadear processos de mediação entre exposição e público. [...] Na quarta edição, foi adotada a nomenclatura *mediador* em lugar de monitor. [...] “No contato com a arte, seja através da leitura de obras, seja através do fazer, como professores-pesquisadores, nos movemos no território da mediação [...]”. A implantação de um projeto educativo a longo prazo para a Fundação Bienal do MERCOSUL cresceu como debate durante o processo de realização da 5ª Bienal[...] a 5ª Bienal elaborou um projeto educativo para atender às demandas de seus diversos públicos [...].(FIDELES,2005 pp 157-164).

Assim, a cada edição, a Bienal foi fazendo parte da vida da cidade e da arte/educação, buscando aproximar o visitante da arte contemporânea e contribuindo para que ele se torne um sujeito crítico e participativo. Com a consciência de que cada sujeito vem carregado de informações, com o olhar saturado de imagens, e que “a produção artística chega até nós, hoje, dos mais variados modos e sua divulgação sofre interferências da mídia, instituições e governos” (MARTINS, 1998, p. 76), a Fundação Bienal do Mercosul vem investindo recursos e esforços para desenvolver uma proposta da ação educativa que se aproxime cada vez mais da realidade e do cotidiano dos educadores e educandos que a cada edição visitam a Bienal, tornando-a um importante projeto educacional.

Na sexta edição o PP passou a fazer parte do projeto curatorial e se tornou permanente, diferentemente das outras edições, quando acabava junto com a mostra só voltando a ser pensado a partir da curadoria da edição seguinte. Foi criada a figura do curador pedagógico, a cargo do artista e teórico uruguaio Luis Camnitzer, ajudando a superar a divisão, até então existente, entre as perspectivas curatorial e educativa.

Ao atuar como assistente de supervisão, da equipe de mediadores da 6ª Bienal, eu pude vivenciar o avanço qualitativo desse modelo do PP em relação ao da 5ª edição, onde também atuei como mediadora. Por ser desenvolvido junto ao projeto curatorial, permitiu um envolvimento maior da equipe de mediadores com o público. A aproximação com o público escolar começou antes mesmo da abertura da Mostra, através de visitas dos mediadores e da equipe de supervisores e assistentes às escolas da rede municipal de Porto Alegre, de encontros de formação para professores da capital, do interior do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, num total de 42 encontros com 348 representantes de municípios do RS e 32 de SC (FUNDAÇÃO BIENAL, 2007, p. 15).

Houve também uma visita mediada dos professores da rede municipal à Mostra ainda em finalização da montagem (Fig.10), o que deu aos educadores subsídios para trabalhar em sala de aula as questões relacionadas à 6ª Bienal e para organizarem os roteiros de visitas, conforme as atividades que já vinham desenvolvendo em sala de aula.

A gente foi no espaço com o mediador orientando, eu acho até que foi na véspera da abertura, nem estava tudo pronto (...) eu bem ‘olho grande’, fui em quase tudo, fiz vários roteiros, então quando a gente foi planejar já sabia o que queria ver; onde levá-los. (Marisa<sup>1</sup>, educadora de EMEI, 20/05/08).

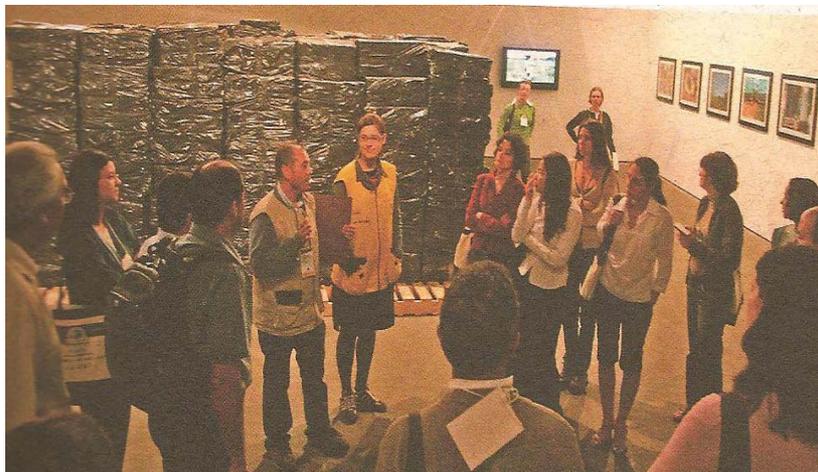


Fig.10 – Mediadores com grupo de visitantes.

Para a equipe que recebia os grupos de estudantes no MARGS era perceptível e bem fácil de diferenciar as turmas que haviam sido preparadas para visitar a Bienal de outras que provavelmente nenhuma atividade sobre a mostra havia sido desenvolvida. Os educandos que haviam sido preparados, ao serem recepcionados ainda nas escadarias do lado de fora do museu, falavam nomes de artistas, de obras e a identidade visual da mostra já era conhecida pelo grupo. Os educadores logo começavam um diálogo com os mediadores ou indicando a obra que gostariam de apreciar primeiro ou ainda relatando, brevemente, atividades sobre a Mostra que já haviam desenvolvido. O que se tornava viável, na medida em que esses não chegavam para apreciar as obras expostas na 6ª Bienal como um ser passivo, mas como um ser potencialmente criativo e transformador (FUNDAÇÃO BIENAL, 2007, P. 13).

---

<sup>1</sup> Nome fictício criado por mim, assim como todos os nomes dos entrevistados usados daqui para frente.

## 2. 6ª BIENAL: O PROJETO PEDAGÓGICO ARTE PARA EDUCAÇÃO/ EDUCAÇÃO PARA ARTE

O curador pedagógico Luis Camnitzer desenvolveu o programa pedagógico a partir de reuniões com a equipe da AE da Fundação Bienal, com educadores, estudantes e mediadores que haviam participado de edições anteriores. Considerar o visitante da Bienal como um ser criador em potencial e as obras de arte como canais de comunicação a serem compreendidos e não consumidos foram alguns dos princípios adotados pelo curador pedagógico. O curador geral Gabriel Pérez-Barreiro descreveu o projeto de Camnitzer como inovador:

O programa pedagógico se baseia num modelo de comunicação, com o intuito de construir um significado. Neste sentido, ele também tenta criar uma terceira margem entre as intenções expressas na obra de arte e o conteúdo trazido pelo espectador. Esta “terceira margem”, que depende tanto da obra de arte como do espectador, é onde o significado e o conteúdo são gerados[...].A inovação do programa pedagógico desenvolvido por Camnitzer encontra-se na filosofia adotada e, também, na antecipação dos processos” (FUNDAÇÃO BIENAL DO MERCOSUL, 2007 p. 23).

Com o título ARTE PARA EDUCAÇÃO/ EDUCAÇÃO PARA ARTE, o projeto foi desenvolvido a partir de pressupostos que assegurassem alguma possibilidade de sucesso e de continuidade, os quais, conforme folder de divulgação do PP (2007), foram os seguintes:

- A Bienal acredita na noção de *obra de arte como comunicação* contrastando com a ideia *de simples apreciação*, entendendo, assim, a arte como forma de pensar e o espectador não mais como um ser passivo, mas como um ser potencialmente criativo e transformador.
- A Bienal se autodefine como sendo uma instituição de *ação cultural de caráter permanente*, dentro da qual a exposição bianual é apenas, o ponto culminante de um projeto em constante construção.
- No que se refere, principalmente, à formação de equipe de mediadores, a Bienal se autodefine como uma *mini-universidade*, com o intuito de criar

um plano de estudos capaz de dar conta de uma formação educativa [...] É papel da Bienal, também, criar estruturas e mecanismos específicos para atender às necessidades dos seus diferentes públicos, desde professores, estudantes, público com necessidades especiais a visitantes em geral, ajudando na aproximação com o pensamento crítico contemporâneo.

Diferente das edições anteriores, a 6ª Bienal foi organizada com um formato diferente, apontando para o aspecto pedagógico e para o contato com o público. A curadoria pedagógica antecipou o contato com o público através de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED), e enviou às escolas dois tipos de *kits*: um desenvolvido para os professores, servindo de subsídio para as aulas, e outro para as bibliotecas das escolas, para instigar a pesquisa junto aos educadores e educandos.

O PP ofereceu ainda Encontros de Formação de Professores, Estações Pedagógicas, Espaço Educativo, Equipe de Mediadores, Espaço para troca de experiências, transporte gratuito e o “Simpósio Terceira Margem: educação pra a arte/ arte para a educação”. A continuidade do PP foi garantida pela decisão da Fundação Bienal de manter parte da equipe do projeto pedagógico após o término da mostra, enquanto nas outras edições a equipe era desfeita voltando a ser formada para a próxima Bienal, geralmente com pessoas que não haviam participado da última exposição. Isto provocava um “iniciar do zero” a cada mostra, como se as experiências acumuladas não deveriam ser levadas em consideração.

A proposta ARTE PARA EDUCAÇÃO/ EDUCAÇÃO PARA ARTE norteou todo o PP da 6ª Bienal, as atividades iniciaram em 2006 com ações programadas para todo o ano de 2007. A visita à mostra foi apenas uma das etapas deste importante processo educativo. [...] O PP, com seus pressupostos de que a arte é vista como forma de pensar e que a mostra bianual é a etapa culminante do projeto em constante construção. (FUNDAÇÃO BIENAL, 2007, p.13)

O Projeto Pedagógico (Fig.11) desenvolveu ações em Porto Alegre, em vários municípios do interior do Rio Grande do Sul e em alguns municípios do estado de Santa Catarina, ampliando suas ações para além das fronteiras do nosso estado. A Fundação Bienal do Mercosul tem especial cuidado com a preparação da equipe de mediadores, porque são eles que irão estabelecer o encontro do apreciador com a obra de arte e, no caso da 6ª edição, esse encontro deveria levar o sujeito não só a descoberta cognitiva,

mas à empírica no desenvolvimento do seu processo criativo, com as atividades realizadas nas oficinas no ateliê do espaço educativo (Fig.12).

Um dos grandes focos do PP é o curso de Formação para os mediadores que atuam nas mostras. São todos universitários (Fig.13), cursando a partir do 3º semestre, das mais diversas áreas do conhecimento.

Eu achei interessante (...) por que (...) dessa vez abriu para toda e qualquer formação, e é interessante tu veres isso, por que são outros olhares sobre a arte e eu acho que isso valorizou muito, pois aproxima o público (...) Ainda mais que o público não tem formação em Artes. (Luisa, professora da EJA, 16/06/2008).



Fig. 11 – Projeto Pedagógico da 6ª Bienal



Fig. 12 – Crianças no Espaço Educativo



Fig. 13 – Universitários no curso de formação de mediadores

No curso, os 300 futuros mediadores receberam aulas de história da arte e de postura, assistiram a diversas palestras, passando ainda por uma seleção criteriosa para poder avançar à próxima fase do curso. Na segunda fase deste, os estudantes tiveram aulas sobre arte contemporânea, arte na América Latina, Bienais, atendimento ao público, trabalho prático de mediação, educação nos dias de hoje, educação especial, noções sobre percepção, sensibilização, exercícios práticos, museologia e museografia.

A equipe selecionada para atuar na 6ª Bienal ainda teve encontros com o curador-geral Gabriel Pérez Barreiro (Fig.14), com o curador pedagógico Luiz Camnitzer (Fig.15) e com os artistas, que falaram de seus processos criativos, suas histórias e os materiais e técnicas usados nas obras que seriam expostas na bienal. Os encontros com os artistas (Fig.16) contribuíram não apenas para que os mediadores adquirissem mais embasamento teórico para a realização da mediação, como trouxeram grandes ganhos para a sua formação acadêmica e pessoal com a oportunidade de trocar experiências com artistas que, normalmente, só se vê em livros, revistas de arte ou através das mídias.



Fig.14 – Curador geral da 6ª Bienal.

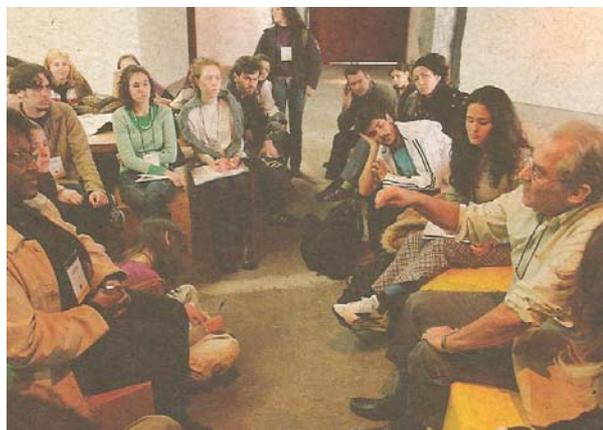


Fig.15 Curador pedagógico da 6ª Bienal



Fig.16 – O artista Nelson Leirner com mediadores.

Os mediadores também participaram dos grupos de estudo e pesquisa específicos sobre os artistas do roteiro no qual atuariam e das vivências nas escolas. Para a vivência nas escolas, uma inovação do PP da 6ª Bienal, os estudantes tiveram que desenvolver exercícios práticos sugeridos pelo material gráfico do PP ou criarem outros, que seriam aplicados durante as visitas às escolas da rede municipal de Porto Alegre. Muitos dos universitários eram oriundos de cursos de licenciatura, sendo possível, por intermédio das práticas pedagógicas, vivenciar a docência, tendo um ganho para sua formação acadêmica, além de desenvolver o seu processo criativo.

Em duplas ou em trios, os mediadores preparavam os encontros com os educandos, seguindo princípios éticos e de escolaridade, providenciavam os materiais necessários e obedeciam aos horários do educador titular da turma visitada. O resultado foi um grupo de 198 mediadores mais experientes, mais seguros para realizarem as mediações, com o repertório enriquecido por todas as informações de sua prática e teoria. “O PP da 6ª Bienal investiu no espaço educativo planejado para ser um espaço de criação, reflexão e desenvolvimento de potencialidades criativas dos visitantes”. (FUNDAÇÃO BIENAL, 2007, p. 20)

Funcionou no Armazém A3 do Cais do Porto, tendo ainda Ateliês no MARGS e no Santander Cultural. No Cais o espaço era composto por três ateliês, dois auditórios, sala de professores, biblioteca e áreas de exposição. Oficinas de curta duração para educadores e educandos visitantes da Mostra, de média e longa duração para parceiros e outros grupos interessados, todas tendo como foco inicial as obras da Bienal. Vários projetos foram desenvolvidos no espaço educativo que também expôs os trabalhos desenvolvidos pelos educandos na oficina e o *Aquário de cores* (Fig.17), uma

interferência espontânea do público participante das oficinas nas vidraças que separavam os ateliês do restante da Mostra.

No Aquário de Cores ficou impresso não apenas o processo criativo dos visitantes, mas também a intenção do projeto curatorial de que a metáfora da “Terceira margem do rio” se apresentasse como uma mudança de perspectivas, como a possibilidade de criação de uma terceira forma de perceber a realidade: os visitantes interferiram espontaneamente nos vidros do ateliê deixando suas marcas, suas assinaturas.



Fig.17 – Aquário de cores

### 3. EM BUSCA DOS REFLEXOS

A busca por reflexos do Projeto Pedagógico (PP) da 6ª Bienal do MERCOSUL nas escolas de Porto Alegre motivou essa pesquisa. Iniciei essa busca a partir de uma reflexão pessoal, perguntando-me como a minha participação em duas mostras, na 5ª Bienal como mediadora e na 6ª Bienal como assistente de supervisão, refletiu no meu processo de formação de arte/educadora. A resposta veio a partir de uma avaliação de como eu me via enquanto professora de artes (mesmo sem atuar regularmente em escolas).

Antes de ter participado da 5ª Bienal, não tinha domínio de classe. Na época atuava, voluntariamente, num projeto de oficina de Arte/reciclagem com 15 educandos de 5ª a 8ª série, no contra turno de uma escola municipal em Rio Grande, RS. Minha voz não era usada adequadamente, minha aproximação com a arte contemporânea era muito tímida, e minha visão de mundo era menos crítica. Depois da experiência na 5ª Bienal, se tornou mais fácil desenvolver atividades na oficina e no estágio supervisionado, na graduação. Com isso, superei as dificuldades já citadas e o uso do material gráfico do PP da 5ª Bienal passou a ser contínuo e contribuiu para o desenvolvimento de diversas atividades com os educandos na oficina.

A 6ª Bienal foi uma experiência completamente diferente da 5ª. Minha função agora era auxiliar a supervisora, Gabriela Bon, na coordenação e organização da equipe de 24 mediadores: escala de mediações, de oficinas com os educandos e de folgas, a distribuição deles no museu, o bem-estar e harmonia da equipe e a recepção das escolas e grupos visitantes do MARGS.

O envolvimento com a equipe de mediadores foi muito marcante e um grande aprendizado, a jovem “turma de amarelo” me deu uma grande lição de vida. Com eles aprendi que não é fácil lidar com um grupo tão grande de pessoas, cada um com sua individualidade, com seus problemas particulares e relativos ao trabalho de mediador e todos tendo que ser contornados, com muita tranquilidade e compreensão de ambos os lados.

Cada um desenvolveu o seu jeito de mediar as escolas, de desenvolver atividades nas oficinas do ateliê, de pesquisar sobre os artistas e de construir objetos (Fig.18) para facilitar a medição e a aproximação dos visitantes com a arte contemporânea, sendo todo socializado no grupo de mediadores.



Fig.18 – Mediador construindo objeto para a mediação na oficina do MARGS  
-Foto acervo da equipe de mediadores-

Mas o que mais me chamou a atenção no grupo foram a partilha, a troca de experiências, a criatividade e amizade que se consolidou (o grupo se reúne, regularmente, até a presente data).

A rica experiência com o grupo de *Raios de Sol*<sup>2</sup> (Fig.19) continuará refletindo na minha vida profissional e pessoal. Aprendi com eles que, mesmo cada um sendo um, é possível fazer uma equipe funcionar com eficiência, desde que sejam respeitadas a individualidade de cada um e a homogeneidade do grupo.



Fig. 19 – Alguns integrantes do grupo Raios de Sol.

Continuando a minha busca por reflexos do PP, pesquisei no Núcleo de Documentação e Pesquisa da Fundação Bienal do MERCOSUL (NDP). Nos relatórios

<sup>2</sup> Apelido carinhoso dado por mim e pela supervisora Gabriela Bon ao grupo de mediadores dos turnos da tarde e noite que usavam de uniforme jalecos amarelos.

da fundação identifiquei escolas estaduais e municipais de Porto Alegre, da Educação Infantil (EMEI), das Séries Iniciais, da Educação Especial e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que tinham participado de atividades do PP. Entrevistei educadores que atuam na arte/educação (com e sem formação em Artes) das escolas citadas para assim investigar se, realmente, aconteceu uma aproximação com a arte contemporânea nas classes em que atuam, e se as propostas do PP da 6ª Bienal, que tem como tradição e peculiaridade a ênfase na educação, contribuíram para a educação em arte nas escolas visitadas. Se houve desdobramentos dessas aproximações provocadas pelo PP da 6ª Bienal era outro questionamento que me inquietava, assim como o uso do material gráfico oferecido pela Ação Educativa da Bienal no desenvolvimento de atividades em sala de aula. Os *kits* servem de subsídios para educadores e educandos? Os exercícios críticos neles sugeridos são aplicados em sala de aula em algum momento? Os materiais usados pelos artistas nas obras fazem parte do cotidiano dos educandos?

Com essas e outras perguntas pertinentes aos reflexos do PP da 6ª Bienal e de gravador na mão iniciei as visitas pela escola de educação infantil (EMEI) e lá já comecei a ser agradavelmente surpreendida.

Nessa viagem foram sete escolas visitadas, desde o centro até a mais distante periferia da capital, dez educadores e seis educandos entrevistados. Horas de pesquisa no NDP da Fundação Bienal e muita leitura. Teóricos como Ana Mae Barbosa, Francisco Duarte Jr., Mirian Celeste Martins, os catálogos das Bienais do MERCOSUL, encartes e cadernos dos mediadores, o relatório de responsabilidade social da Fundação Bienal me deram suporte teórico para ver/enxergar os reflexos do PP na arte/educação.

No capítulo a seguir trago excertos das entrevistas que dialogam com alguns teóricos e me levam ao encontro dos reflexos, relato observações que fiz durante as visitas as escolas, atividades que me foram relatadas, outras que foi possível presenciar e o resultado de projetos que foram além dos limites da escola.

Partilho as respostas encontradas com o intuito de que educadores e educandos possam vir a ver/enxergar a contribuição que os PPs desenvolvidos junto às exposições de artes podem dar a arte/educação tornando-a mais instigante e envolvente.

#### 4. ENCONTRO COM OS REFLEXOS

Em seu livro *Porquê Arte-educação?*, Francisco Duarte Junior escreve sobre como o arte/educador deveria conduzir o ensino de artes, que deveria estar voltado para a formação de cidadãos críticos, para o desenvolvimento do processo criativo do indivíduo, mas sem a preocupação de formar artistas.

[...] Arte-educação não significa o treino para alguém se tornar artista, não significa a aprendizagem de uma técnica, num dado ramo das artes. Antes, quer significar uma educação que tenha a arte como uma das suas principais aliadas. (DUARTE JUNIOR, 1996, p.14).

Como arte/educadora, não me preocupo, ou melhor, na verdade nunca me preocupei, em só ensinar técnicas, mas sim em despertar consciência crítica e social por intermédio da arte, e acredito que as visitas em exposições ajudam nesse desenvolvimento. Por isso fui buscar resultados de atividades obtidos nas escolas a partir das ações do PP da 6ª Bienal: *OS REFLEXOS*.

Os reflexos do PP da 6ª Bienal começaram a ficar visíveis quando ainda durante a mostra fui visitar uma oficina que estava sendo realizada no Espaço Educativo localizado no Armazém A3 do Cais do Porto. O grupo que participava da oficina no momento da visita estava completamente envolvido pela prática relacionada com as obras da Bienal (inclusive a educadora, professora de matemática da 5ª série do Ensino Fundamental). No caso citado, a obra *Uma vez, cada vez, todas as vezes* (300x900 cm) era da artista chilena Magdalena Atria. Os educandos estimulados pelos mediadores-oficineiros experimentavam materiais alternativos (Fig. 20) como revistas, tinta guache,

massa feita com farinha e outros, e escreviam suas opiniões e críticas sobre a obra, indo de encontro a um dos pressupostos pedagógicos do PP.



Fig.20 – Menina interagindo com a obra de Atria.

Outro reflexo positivo, ainda durante a mostra, foram as mediações e oficinas realizadas no MARGS com as equipes de recepção, de limpeza e segurança (Fig.21 e 22). Os *homens de preto*<sup>3</sup> foram sensibilizados através das mediações para apreciarem as obras e das oficinas no ateliê onde exercitaram o fazer artístico. A partir dessas atividades a equipe dos seguranças (e as outras já citadas) passou a ver as obras que protegiam com outro olhar, atribuindo a elas o valor artístico, não mais só o valor monetário, que era o motivo principal da presença dos seguranças no museu.



Fig.21 – Mediação com equipe de segurança do MARGS  
Foto do acervo da equipe de mediadores.

---

<sup>3</sup> Apelido atribuído aos seguranças do MARGS, que usavam terno preto.



Fig.22 – Oficina com equipe de segurança do MARGS  
Foto do acervo da equipe de mediadores.

Outras ações do PP foram refletindo na minha formação profissional e pessoal ainda no decorrer da 6ª Bienal e acredito que na formação de muitos dos sujeitos envolvidos na mostra. A exposição dos trabalhos feitos pelos educandos nos ateliês do MARGS e do Espaço Educativo motivava outros educandos que chegavam à exposição a criarem outros trabalhos, tornando as oficinas mais atraentes e participativas, e ainda motivando a equipe de mediadores-oficineiros a prepararem diferentes alternativas de propostas que envolvessem tanto o empírico como o cognitivo, dando oportunidade aos dois lados de praticar seus processos criativos (Fig. 23).



Fig.23- Educandos no Ateliê do MARGS.  
Foto do acervo da equipe de mediadores.

O *aquário de cores* surgiu de intervenções espontâneas do público visitante das oficinas nas vidraças que isolavam os ateliês do espaço expositivo, trazendo um colorido especial aos vidros e deixando um registro gráfico e pessoal, como que uma “assinatura” dos que por ali passaram. Além de despertar curiosidade como “quem fez essa obra?”, a intervenção sensibilizava no sentido de ser um convite para deixar a sua “marca” na Bienal, e assim, passar a ser parte integrante da mostra.

Também foram marcantes as apresentações das escolas dentro do projeto *Aonde a arte nos leva*. Os projetos tinham como tema a arte contemporânea e obras e artistas da 6ª Bienal foram apresentados ao público presente no Espaço Educativo em seis encontros pelos coordenadores dos melhores projetos, convidados pela equipe coordenadora do PP com o objetivo de proporcionar trocas de experiências entre o público presente.

As escolas E.M.E.F. Arthur Pereira Vargas (Canoas, RS), E.E. Juvêncio Soares (Cachoeira do Sul, RS), E.E.E.F. Justino Alberto Tietdoehl (Torres, RS), a 14ª CRE (Santo Ângelo, RS), e mais duas escolas de Porto Alegre, apresentaram seus projetos todos desencadeados pelas visitas à Bienal (MERCOSUL, 2007, p. 17).

Ainda no espaço educativo, assisti no projeto *Pinçamentos*, o trabalho “Frações de continuidade” no qual uma mãe que havia participado de uma oficina com seu filho que apresenta déficit de atenção deu um emocionado depoimento declarando que através da oficina na Bienal tinha encontrado na arte uma alternativa auxiliar para o tratamento do menino. A mãe levou para expor ao grupo os trabalhos de pintura livre, colagem e pequenas esculturas desenvolvidas em casa pelo menino, que conseguiu se concentrar em alguns dos trabalhos como “o igual à obra das massinhas de modelar”, que ele fez sozinho sem perder a concentração. Mirian Celeste Martins diz que “a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela” (Martins, 1998, p13).

Não quero aqui parecer “garota propaganda da Bienal do MERCOSUL”, trago minhas vivências para essa pesquisa porque percebi que muitos educadores e acadêmicos de licenciatura com os quais converso ainda pensam que a Bienal do MERCOSUL é uma grande exposição que precisa de algumas horas gastas para ser visitada, e só. Não usufruem a grande gama de ações que a AE oferece, nem participam das inúmeras atividades promovidas pelo PP. Acham que a Bienal se limita ao transporte gratuito dos educandos e a distribuição dos *kits* com material gráfico.

A 6ª Bienal ficou aberta à visitação “de setembro a novembro de 2007. Foram 79 dias de atendimento ininterrupto ao público, seis mostras com 334 obras de 67 artistas, provenientes de 23 diferentes países, entrada franca e transporte gratuito oferecido às escolas públicas” (FUNDAÇÃO BIENAL, 2007, p.11). O público interessado pôde participar de diversas atividades como simpósios, saraus, mostras e sessões comentadas de vídeos e oficinas de multilinguagem, que duravam em média 50 minutos e que funcionaram de domingo a domingo das 9h às 21h, dando aos visitantes a oportunidade de escolher o dia e o horário que melhor lhe conviessem para realizar a visitação. Grande parte desse público tornou-se sujeito da exposição ao participar de alguma dessas atividades, vivenciando a 6ª Bienal nas suas mais diversas propostas, conseguiram enxergar a arte contemporânea além do binário “gosto/não gosto” alcançando “a terceira margem do rio”. “A metáfora de uma terceira margem ressoa em muitos níveis como necessidade profundamente humana e contemporânea de se ir além das oposições binárias que estruturam as nossas vidas”. (FUNDAÇÃO BIENAL, 2007, p.19).

As respostas/reflexos aos questionamentos que me inquietavam e que motivaram essa pesquisa, começaram a aparecer logo no início das visitas as escolas. A EMEI da zona norte de Porto Alegre, que tem como vice-diretora uma arte/educadora que desenvolve um projeto pedagógico planejado em conjunto com a direção e o corpo docente da escola totalmente permeado pela arte/educação. O projeto envolve direção, funcionários, corpo docente e discente, e ainda os familiares dos educandos, que participam de encontros de atividades de arte/educação como o *Mamãe e Papai também fazem arte* no qual os pais são motivados a passarem uma tarde de sábado na escola pintando, desenhando, construindo com sucatas e criando esquetes de teatro. Os resultados desse encontro são apresentados em outro momento na mostra cultural onde a escola expõe os trabalhos artísticos dos educadores, dos educandos, dos funcionários da escola e dos pais. A escola promove encontros com artistas locais que falam para toda a comunidade escolar sobre seu trabalho e o seu processo criativo e desenvolve atividades relacionadas com o seu trabalho, como por exemplo, um poeta que mostra seu trabalho, e as crianças declamam “do jeito deles porque eles ainda não sabem escrever” (Marisa, educadora de EMEI, 28/05/08). Posteriormente os educandos são motivados pelo artista convidado e pela educadora a pintar, desenhar, ou fazerem

esculturas sobre o que ouviram. As educadoras que participaram juntas da entrevista<sup>4</sup> (a vice-diretora e a educadora do jardim B) relataram que regularmente visitam exposições de arte contemporânea no Santander Cultural e as Bienais do MERCOSUL, principalmente porque é disponibilizado ônibus para o transporte do grupo por essas instituições.

Falando sobre as visitas as exposições com seus educandos a vice-diretora que têm formação em artes visuais assim se pronunciou:

Há um tempo a gente já tem essa prática de visitar exposições com as crianças, não só a Bienal como outras, normalmente o Santander porque eles disponibilizam o ônibus. Nós trabalhamos com crianças pequenas e que não teriam dinheiro da passagem. [...] Estamos sempre pensando nessas possibilidades de visitas, claro que quando oferecem o transporte, facilita bastante o nosso trabalho. [...] Vão todas as turmas, a única turma que a gente não tem levado é a turma do berçário em função da faixa etária, mas as outras turmas, inclusive maternal que são crianças de 3 anos de idade, tem ido nas bienais e nas exposições do Santander Cultural [JULIA, EMEI, 28/05/08]

A professora Marisa, que tem formação em pedagogia, relatou que desenvolve muitas atividades a partir das fichas dos *kits* da Bienal com os educandos, fazendo adaptações nos exercícios sugeridos para a faixa etária das crianças que têm em média entre 5 e 6 anos de idade, ou desenvolve outros diferentes, normalmente tendo as obras da Bienal como referência. Com a ficha da obra ‘das massinhas de modelar’ (Fig.24 e 25) ela motivou os educandos a fazerem trabalhos<sup>5</sup> com giz de cera, tintas e colagem, não revelando as dimensões da obra que media 300x900 cm e ocupava uma parede inteira da exposição o que causou enorme surpresa para as crianças na hora da visita.

---

<sup>4</sup> O questionário usado nas entrevistas encontra-se nos anexos.

<sup>5</sup> Em nenhuma das escolas visitadas foi autorizado o registro fotográfico dos trabalhos realizados pelos educandos.



Fig.24 – Obra *Uma vez, cada vez, todas as vezes*, 2006/2007. Massa de modelar 300x900cm Magdalena Atria – coleção da artista.



Fig.25 – Artista Magdalena Atria construindo sua obra na 6ª Bienal.

A educadora falou empolgada sobre a importância de desenvolver atividades referentes às exposições antes de visitá-las e da reação das crianças diante das obras como a da artista chilena Magdalena Atria, que estava exposta na mostra *Conversas* dos Armazéns A3 e A4 do Cais do Porto.

Antes da exposição a gente usa as fichas do PP para eles saberem o que a gente vai fazer, o que eles vão ver ... Eles falam o que pensam que é aquilo, porque eles fazem muita comparação, do que eles viram nas fichas e o que eles enxergam depois lá “lá na escola era pequenininho, mas aqui é grande”. Por exemplo, a obra das massinhas que era uma reprodução em A4 e lá aquela coisa imensa... E eles vão fazendo o reconhecimento “eu vi isso no livrinho, lá na sala lembra profe?” Eles sempre têm esse retorno. [MARISA, EMEI, 28/05/08]

Nessa escola conversei informalmente com cinco educandos<sup>6</sup> e pude perceber que, mesmo com pouca idade eles estão bem familiarizados com a arte contemporânea e tem noções de vídeo, instalações e escultura. Durante a conversa, dois meninos confundiram a exposição do artista Miró que aconteceu no Santander Cultural meses antes da 6ª Bienal, mas foram imediatamente corrigidos pela única menina do grupo que, bem segura falou: “não *M*, essa aí era outra, a Bienal a gente foi no outro ônibus, o amarelo, com o moço dentro, que é lá naquele lugar grande que tem o rio do lado, né sôra<sup>7</sup>?”. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, de onde estamos e de como sentimos. (BARBOSA, 2005a, p99).

Aos educandos da EMEI visitada foram oferecidas todas as condições para que se tornem cidadãos críticos e apreciadores da arte contemporânea expostas, não só na Bienal do MERCOSUL, como em outros espaços culturais de Porto Alegre. Ao retornar com os educandos para a sala da turma, me deparei com uma caixa média enfeitada com papel fantasia em cima de cada uma das cinco mesinhas redondas, que logo foi reconhecida pelos educandos que eu conduzia pela mão: -“Os jogos da Bienal!! A gente pode jogar, sôra?”.

A educadora fez questão de demonstrar os jogos lúdico-pedagógicos construídos com as lâminas dos *kits* de material pedagógico gráfico da Bienal, quebra-cabeças e jogo da memória que a turma logo começou a brincar. Pude perceber durante visita, que durou aproximadamente duas horas, que aos educandos dessa EMEI são oferecidas condições para desenvolverem seu processo criativo e se tornem cidadãos críticos e apreciadores da arte contemporânea. As educadoras enfatizaram que quase todo o corpo docente participa das ações do PP das Bienais, o que permite ter o material pedagógico no acervo da biblioteca e com cada um dos educadores, fazendo questão de frisar que somente são recortados para a construção dos jogos os *kits* repetidos no acervo particular dos educadores ou no da escola e que frequentemente usam *kits* de todas as edições da Bienal do MERCOSUL.

---

<sup>6</sup> Foi realizada uma entrevista com cinco educandos, uma menina e quatro meninos, do Jardim B, na sala de convivências da escola, de forma bem descontraída com almofadas no chão e sem a presença das educadoras. Mesmo tendo optado por analisar para essa pesquisa somente as entrevistas com educadoras/res uso fragmentos de falas de alguns educandos para dar mais ênfase aos depoimentos.

<sup>7</sup> **Profe; Sôra** = Gírias usada pelos educandos ao referirem-se à professora. Explicação minha.

Esses *kits* acabam sobrando porque quase todas as professoras da escola têm um, a gente participa de tudo da Bienal, numa coisa vai uma, noutra coisa vai outra, aí se deixa um na biblioteca geral, e os outros a gente vai inventando coisas que tem a ver com a idade deles. Mas a gente usa muito os *kits*. [MARISA, EMEI, 28/05/08].

Usamos os *kits* sim, inclusive a gente tem guardado os materiais de todas as Bienais aqui na escola. E a gente continua usando mesmo não sendo época de Bienal.

[JULIA, EMEI, 28 /05/08]

A educadora Marisa complementa sua resposta falando de outras atividades que foram desenvolvidas na escola com o intuito de despertar o olhar dos educandos para outras imagens tendo a arte contemporânea como referência:

Usamos os *kits* em outros momentos aqui na escola: na mostra cultural, e nos jogos, por exemplo, como mais de uma professora participou das atividades do PP nós temos material duplo, então fizemos quebra-cabeça, ao invés de usar um da Disney, também jogo de memória a partir das fichas, das pranchas da Bienal. A gente trabalha muito isso em função de educar, trabalhar o olhar do aluno para outras coisas, outras imagens. [MARISA, EMEI, 28/05/08].

Pergunto às educadoras se os educandos ao brincarem com os jogos identificam as obras que apreciaram na Bienal fazendo relação da figura do joguinho com as obras. A educadora Marisa respondeu:

Identifica, na maioria das vezes, vou te dar um exemplo, não é da Bienal, mas vou dar... Uma criança do maternal-1, 3 anos de idade, foi na exposição do Miró lá no Santander, no outro ano eu recebi eles, agora no maternal-2 e eu fui fazer um trabalho com eles no chão com papel pardo e tinha o uso de pincel, uma menina me disse: -“Nós vamos fazer que nem o Miró”? Porque eles viram lá na exposição o vídeo que ele trabalhava no chão...e um ano depois eles estão dando retorno das visitas, aqui na sala de aula... O material do PP contribui inclusive ele é usado não só no ano de Bienal, mas ele fica no acervo da biblioteca da escola [...] eu estou trabalhando com eles o corpo eles fizeram o auto-retrato[...] eles sabem que muitos artistas fizeram isso também, a gente usa esse material oferecido pela Bienal em vários momentos. Depende do que a gente está

trabalhando, porque não é só a linguagem infantil, aquele desenho como muita gente acha... dentro da linguagem deles, a gente vai trabalhar os artistas, os da Bienal também. Teve um ano que foi muito interessante porque a gente vinculou o trabalho da literatura com a Bienal porque a gente recebeu também o autor pela prefeitura que vem na escola, veio o Ricardo Silvestre, nós tínhamos essa atividade cultural com as famílias. Então nós colocamos pela escola inteira, poesias dele bem grande e as fichas da 5ª Bienal. A gente trabalha assim, com o material da Bienal e com a questão da estética, mesmo com nossos alunos da educação infantil e eles participam e entendem muito bem. [MARISA, EMEI, 28/05/08].

Lógico tem algumas que são bem próximas e acessíveis para trabalhar em sala de aula, têm outras que não, a gente tem as duas coisas, por que, por exemplo, quando tem essas mostras de vídeos algumas coisas tu achas meio difícil, mas a gente também vai adaptar, dependendo do vídeo, a gente tenta adaptar como eu já falei, vou tirar fotos, eu adapto para tentar[...] Dentro das nossas condições aqui na escola[...] E algumas obras a gente enfoca mais por que são materiais mais acessíveis e mais fáceis[...] A gente vai procurando... E essa discussão que a gente faz com os educadores na escola a gente vai procurando, vai tendo idéias... O que eu posso fazer? O que eu posso estar reutilizando? O que é viável próximo daquilo que foi utilizado na obra? Como ela falou dos blocos... A gente trabalhava com os blocos... Bom vou fazer esculturas, vou montar e depois desmontar e guardar o material? Não vai ser colado, fixado? Então se tem esse cuidado, a gente não propõe coisas que o resultado pode decepcionar a criança... .como por exemplo os trabalhos de argila que era muito comum, aí eu faço argila deixo secar depois pinto, só que quebra por que tem todo um trabalho da argila, anterior que tem que ser feito para eu poder levantar a peça, então a gente começou a fazer outro tipo de articulação de materiais dentro da escola, dentro das salas para também não haver decepção da criança, dela criar uma coisa... então o uso do material a gente vai adaptando conforme isso... Que eu possa fazer uma obra e depois ela possa ser desmontada, ela não vai permanecer, e isso tem muito na arte contemporânea, obras efêmeras que está ali daqui a pouco não está mais...[JULIA, EMEI, 28 /05/08].

Posição completamente diferente demonstrou a arte/educadora que trabalha com séries iniciais em uma outra escola localizada num bairro pobre da zona sul de Porto Alegre. Licenciada em Artes Visuais, a educadora relatou ter dificuldades para desenvolver atividades artísticas com os educandos por não ter uma sala específica nem materiais adequados. Disse não ter participado de nenhuma etapa do simpósio e nem

dos encontros de formação para professores do PP. A equipe de mediadores visitou a escola antes da 6ª Bienal e segundo ela os educandos ficaram tímidos no início da atividade, mas depois se envolveram mais com a proposta:

Eles participaram das atividades que as mediadoras trouxeram, e fizeram todos os trabalhos. [Lúcia, educadora do ensino fundamental, 11/06/08].

Argüida sobre o uso do material pedagógico nas suas aulas de arte/educação e se esse material contribui para o desenvolvimento das atividades relacionadas com a arte contemporânea, a educadora, que vez por outra desviava o assunto do foco das entrevistas, assim respondeu:

Eu não tive acesso ao material, isso custou pra vir para a escola... Eu consegui o material com um colega que freqüentou o simpósio. Veio o material, estava na sala dos professores, mas a gente às vezes entra e sai e não se dá conta. Mas eu uso até o de outras edições. Sim, contribui sim. [Lúcia, educadora do ensino fundamental, 11/06/08]

A educadora afirma que o material do PP contribui para as atividades relacionadas com a arte contemporânea que desenvolve na sala de aula se contradizendo, pois antes havia dito ter dificuldade para promover atividades com os educandos por não ter sala nem materiais adequados e que esses não respondem as propostas “jogadas” por ela. Em partes da sua fala a professora demonstrou estar desanimada frente às carências da comunidade escolar, à falta de materiais e de sala apropriada para a execução de suas aulas, mas também não demonstrou interesse em buscar alternativas para minimizá-los. Não nos interessamos por aquilo que não compreendemos. Essa é a principal razão da apatia e do desinteresse das classes menos favorecidas pela arte, e isso deve ser levado em conta quando falamos em acesso a bens artísticos. (FRANZ 2001, p.50). Continuando a longa conversa/entrevista com essa educadora, pude perceber que a mesma em alguns momentos faz um esforço e consegue superar as dificuldades; em outros, parece não querer superá-las, demonstrando certo desinteresse pelo magistério, sua fala oscila entre a empolgação e o desânimo pelo que faz. Comentando se as obras apreciadas e os materiais nelas apresentados têm relação com o cotidiano dos educandos, a educadora afirma que estes diante de algumas obras da 6ª Bienal fizeram alguma relação e até imaginam situações bem diferentes daquela

que vivem, longe do mar e sem saneamento básico. Animada, relata que alguns educandos conseguiram fazer uma “relação sonhadora de duas obras com um cotidiano idealizado por eles em duas obras”:

[...] não deixa de ter uma relação com a utilização de materiais diferenciados, o que era aquele trapiche!? (Fig.26) eles viram, eram folhas de revistas que fazem parte do cotidiano deles, eles se encantaram muito com aquela sensação de estar no mar [...] Eles gostaram foi a do banheiro (Fig.27) eles repararam bem nos detalhes: a lixeirinha; a toalha; o sabonete que ia se gastando. Eles fizeram relação o tempo inteiro por que aquilo fazia parte do cotidiano deles: - ‘Sôra é igual o banheiro lá de casa’. Só que muitos nem banheiro tem, algumas crianças que moram ali na evasão que não tem nem onde tomar banho essa é a realidade deles, claro que eles sempre transportam isso... Na realidade era uma turma difícil, eles eram afetuosos, faziam o que se pedia eram bem criativos, mas eles...da minha turma e os do ano anterior, não topam qualquer parada, por mais que tu motives e que tu digas vamos fazer tal coisa, *bah* tem um projeto... Eles não vão, sabe quando empaca e não vai? Aí tu para e pensa noutra coisa. [Lúcia, educadora do ensino fundamental, 11/06/08].

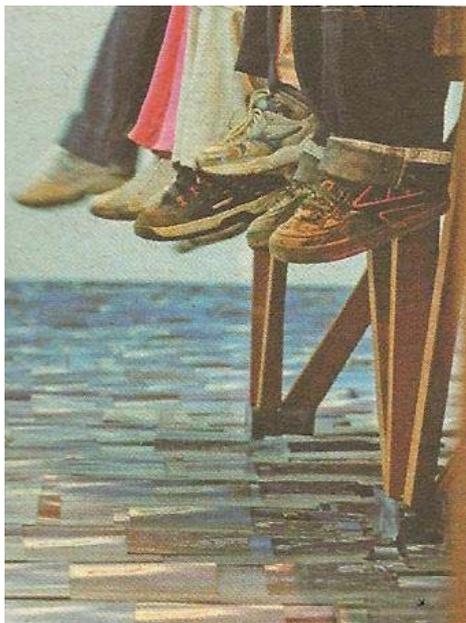


Fig.26 – Detalhe da obra *Marulho* – Cildo Meirelles, 1991/2001



Fig.27-*Erro de continuidade sem fim* – Beth Campbel, técnica mista, 2004

A análise da entrevista indica que a arte/educadora tem respostas equivocadas em relação à arte contemporânea e faz pouco uso do material pedagógico gráfico da 6ª Bienal. Mesmo respondendo que usa o material do PP, inclusive de outras edições da Bienal e afirmando que este contribui com suas propostas de atividades, os resultados relatados pela educadora são tímidos e me parece que, por esta não ter um envolvimento maior com a arte contemporânea, não consegue motivar os educandos a serem mais participativos nas suas aulas de artes. “Para nos apropriarmos de uma linguagem, entendermos, interpretar e darmos sentido a ela é preciso que aprendamos a operar seus códigos”.(MARTINS, 1998, p.14).

Impressão totalmente contrária à anterior tive ao visitar duas escolas de Educação Especial –escola A e escola B- em zonas bem distantes uma da outra. As duas instituições desenvolvem projetos de arte com os educandos nos quais, segundo uma das diretoras em conversa informal após a entrevista, os educandos com limitações mais graves de fala, de audição, de visão e de psicomotricidade encontram a única forma de se comunicar. “O ser humano vem manipulando cores, formas, gestos, espaços, sons, silêncios, superfícies, movimentos, luzes, etc., com a intenção de dar sentido a algo, de comunicar-se com os outros” (MARTINS, 1998, p.14). A arte/educadora Ana, coordenadora cultural da escola A, respondeu à pergunta sobre as visitas às Bienais da seguinte forma:

Desde a primeira, tenho participado, e de toda e qualquer forma de conhecer a arte e os espaços culturais, artísticos aqui da cidade a gente procura enfatizar isso levando os alunos. Acho que esse é um diferencial da escola especial, esse grande interesse de trabalhar com artes, até por que muitos dos nossos alunos não usam meios comuns de aprendizado o que muitas vezes nem sempre se dá pela via oral, então muitos se comunicam aqui desenhando, pintando. É que a arte fala muito, a gente consegue saber, entender e conhecer a quantas anda os pensamentos desses alunos através do que eles respondem, da visão de mundo que eles tem, através da arte, de trabalhos artísticos. Eles se expressam na arte. [ANA, Educação Especial, escola A, 29/05/08].

Essa pesquisa não se propõe traçar comparativos entre as escolas visitadas, muito menos em relação às propostas desenvolvidas em sala de aula pelos educadores que procuram estar atualizados com os acontecimentos artísticos, procuram aportes teóricos sobre arte, desenvolvem projetos que tem a arte como referência, inclusive para outras disciplinas e promovem a aproximação dos educandos com a arte contemporânea; conseguem educar para a compreensão da arte que é hoje um dos principais objetivos da arte-educação. [FRANZ 2001, p.49].

Os materiais pedagógicos gráficos de todas as Bienais do MERCOSUL, assim como os do Santander Cultural, da Fundação Iberê Camargo e de outras instituições, são usados nos projetos artísticos das duas escolas que têm sala específica com mesas grande apropriadas para aulas de artes, assim como material específico como folhas no tamanho A3, tintas e materiais alternativos. As escolas dispõem de ateliês para oficinas de cerâmica, papel reciclado, pintura e outras. Desenvolvem projetos com fotografia, vídeo, esculturas com materiais reciclados e com argila. As atividades iniciam na sala de aula ou nos ateliês e depois “invadem toda a escola” com exposições da produção de educandos e educadores. Na escola A, os projetos contam com a participação de educandos de outras escolas da região que participam das oficinas com o objetivo de integrar educandos das classes regulares com os de Educação Especial. A escola organiza uma mostra dos resultados obtidos nas oficinas de arte/educação no final de cada semestre. As duas escolas organizam exposições que são abertas para visitação de toda a comunidade e expõem trabalhos de montagens em vídeo, em fotografia e apresentação de teatro, assim como pinturas e esculturas feitas por educadores, educandos da escola e de outras escolas que participam do projeto de integração com a

comunidade, funcionários e convidados da comunidade. Muitos desses trabalhos são criados a partir das fichas do material pedagógico das Bienais:

“A partir das fichas e das sugestões de atividades propostas nas fichas, eu fiz toda uma modificação em função da realidade dos alunos (...) Discutimos as propostas e passamos para nossa realidade (...) a gente fez toda uma discussão sobre o que é arte e os alunos produziram umas obras e nós colocamos pela escola para que as pessoas vissem. Depois fizemos um levantamento: quanto tempo ficou onde foi colocado; fizemos questionários com a direção, os funcionários e o pessoal da limpeza sobre o que eles achavam que era arte. Tudo baseado nas fichas da Bienal, dentro da realidade da escola e dos alunos e foi bem interessante... A gente criou um relógio com desenhos no lugar das horas e colocamos na sala da direção que fez junto com os professores toda uma reflexão sobre o que significa o relógio do tempo (...) o projeto envolveu toda a comunidade escolar, outras obras a gente colocou na entrada da escola, até não duraram muito, ficou dois dias e alguém tirou do portão de entrada, atrapalhava um pouco, uma eles botaram em outro lugar, outra foi pro lixo então nós fizemos toda uma reflexão por que foi para no lixo, foi por que não gostou? O que achava daquilo? Foi uma forma de pegar o conceito que o autor estava desenvolvendo - o que é arte - trazer para nossa realidade e trabalhar a questão do conceito não da obra em si (...) [Marli, Educação Especial escola B, 29/05/08].

Nossa escola é um pólo cultural aqui a gente oferece para os alunos da comunidade e de outras escolas oficina de fotografia, teatro, argila e outras (...) É uma escola “pra lá de especial”(…)A gente expõe as fichas, faz uma apresentação antes (...) para que aquilo ali comece a ser uma coisa natural, despertar a curiosidade, o interesse deles sempre (...) os alunos acabam dando dicas de coisas que às vezes a gente não planejou e de repente há um trabalho lá, ou a forma que ele foi feito que desperta o interesse. E uma luz para a gente ir atrás (...) O material pedagógico ajuda também na hora de escolher os roteiros, quanto mais concreto for o trabalho do artista, mais interativo, isso contribui muito para nossos alunos. Mais que em uma mostra descritiva, o cais do Porto é sempre mais interativo e os alunos fazem parte das obras (...) A gente sempre solicita um mediador porque eles dão dicas importantes (...) Antes da visita eles fazem trabalhos relacionados com aquele que está sendo mostrado nas fichas. (...)em relação a arte contemporânea por mais que eles vejam imagens, filmes, nada é melhor do que viver a obra, de estar presente. Visitar os espaços culturais não é novidade para as nossas famílias, os filhos acabam levando os pais, depois de terem visitado a exposição com a escola(...) a arte contemporânea tem isso, ela provoca, ela instiga(...)isso enriquece, amplia a visão de mundo,

maneiras de conhecer de pensar sobre as coisas, de ver o mesmo tema de diferentes aspectos, eu acho que a Bienal proporciona isso.” [ANA, Educação Especial escola A, 29/05/08].

A arte/educadora da escola A falou sobre a filosofia da escola na qual atua há treze anos, que entre outras coisas reflete com os educandos questões ambientais focando a reciclagem de materiais e desenvolvendo atividades artísticas com esses materiais.

Respondendo a uma das questões que balizava a entrevista que argüia sobre as obras apreciadas e os materiais nelas apresentados, e se esses têm relação com o cotidiano dos educandos, as arte/educadoras das duas escolas disseram que é possível desenvolver atividades em sala de aula tendo as obras da bienal e alguns dos materiais utilizados pelos artistas como referência porque muito tem a ver com o cotidiano dos educandos dentro e fora da escola:

Sem dúvida (...) eu já estou trabalhando há treze anos e meio aqui, e a escola sempre tem se voltado para a questão da reciclagem de poder aproveitar e transformar materiais que usualmente iriam para o lixo e dar outro sentido, criar em cima desses materiais. O que chama muito a atenção nas Bienais é isso alguns ou muitos, dos trabalhos são a partir de sucata de materiais que estão presentes na vida dos alunos, dessa clientela... Então isso se torna uma coisa próxima da realidade, em fim do que a gente vive na escola, no cotidiano. [ANA, Educação Especial escola A 29/05/08].

Tem sim, dá. Por exemplo, aquela obra das massinhas de modelar<sup>8</sup>, eles achavam que era uma pintura, então foi interessante, depois a gente reproduziu com massinha tentou fazer uma pintura que tivesse aquele efeito com tinta. Dá para trabalhar sim, aquela obra quando eu mostrei a ficha eles achavam, como já falei que era uma pintura, eu disse que não era, mas também não expliquei, deixei como surpresa para eles verem lá no dia da visita. Também teve um vídeo que eles adoraram, não lembro o autor, tinha na internet eu vi com eles antes...na mesma sala que estava a Atria, que é o efeito de transformação das coisas, assim a água vai desencadeia uma coisa...tinha a bola que caía, a água virava e transformava se em fogo, eles adoram essa questão da transformação(...)depois do roteiro eles participaram da oficina e criaram com muita liberdade com massa se modelar(...) semanas depois a gente

---

<sup>8</sup> Obra da chilena Magdalena Atria -*Uma vez, cada vez, todas as vezes*-, 2006-2007, massa de modelar 300x900 cm

retomou o que foi visto na visita e continuou fazendo atividades com as fichas explorando o que eles imaginavam e o que viram lá. [Marli, Educação Especial escola B, 29/05/08].

A educadora se refere à transformação concreta da visão dos educandos que, primeiramente, olharam para a ficha com a foto da obra em tamanho A4 e depois ficaram surpresos diante da obra que não era uma pintura, como eles haviam imaginado e ocupava uma parede inteira no Cais do Porto. O encontro com a arte contemporânea em exposições instiga a imaginação e oportuniza aos arte/educadores explorarem o processo criativo dos educandos, permitindo que estes se comuniquem com o meio através da arte.

O único arte/educador entrevistado atua numa escola estadual, localizada no bairro Cidade Baixa. Leciona Artes para todas as turmas de 5ª a 8ª séries e trabalha na escola há mais de seis anos. Desenvolve projetos interdisciplinares com educadores de outras disciplinas, colocando sua prática docente em harmonia com Ana Mae Barbosa que diz que a interdisciplinaridade é a condição epistemológica da pós-modernidade [BARBOSA, 2005<sub>a</sub>, p.111]. Ele participou dos eventos da AE da 6ª Bienal, visitou a mostra com todas as turmas em diferentes roteiros e usa o material gráfico do PP de todas as Bienais e de outras exposições que costuma visitar.

O educador Pedro motiva os educandos a pesquisarem sobre arte contemporânea em livros e na internet. Posteriormente, ele motiva uma discussão crítica sobre o material pesquisado e desenvolve atividades que levem os educandos a fazerem uma leitura mais crítica do mundo e a aumentar o nível de conhecimento individual e coletivo. Falou ainda, com prazer, das aulas que planeja e do envolvimento produtivo dos educandos com a arte contemporânea. Comentou também sobre suas habituais saídas de campo com as turmas ao que chama de “aulas externas para que as visitas às exposições não se tornem um simples passeio”.

Esses educandos tiveram uma participação efetiva na Bienal, respondendo aos questionamentos dos mediadores e criticando, quando por ventura a mediação não é boa, o que segundo o arte/educador, na 6ª Bienal só aconteceu com uma turma. Perguntado se durante as visitas mediadas na Bienal foi oportunizado aos educandos fazerem questionamentos antes, durante e depois da visita, a resposta foi a seguinte:

Sim foi, enquanto tinha mediadores... Teve só um menino (mediador) que estava assim meio...Porque é aquela velha historia...Na minha opinião, eu acho que o mediador deveria ser

aquela pessoa que vivencia aquilo como escolha, de opção de curso de artes ou de alguma coisa ligada as artes ou a historia, não sei...Não uma pessoa que está fazendo matemática por exemplo, não que eu seja...Mas eu acho que tem que ser alguém que tenha mais a ver com a relação das artes. Eu sei que eles (os mediadores) vêm de vários cursos, de outras áreas que não das artes, não que os outros não possam, entendeu? Mas eu acho que tem que ter um viés com a arte. Porque ele chegar lá e só falar, despejar o artista fez isso, aquilo, ler um texto passa de mediador para monitor e nesse ponto teve um menino que eu achei que estava por fora, completamente, assim... Não estava muito a fim não sei se ele já estava cansado, também tem isso. Mas foi só esse, os demais foram muito bons, tinha umas meninas simpáticas, questionavam o tempo inteiro, indagava os alunos, em fim colocavam eles no contexto. (PEDRO, Escola Estadual, 22/07/08)

O educador comentou sobre a participação dos seus educandos nas oficinas oferecidas pelo PP para aproximar os visitantes das obras e sobre o ateliê do espaço educativo da 6ª Bienal e os materiais disponibilizados aos educandos que, segundo ele, eram de excelente qualidade. Não gostou de uma atividade proposta em uma das oficinas que, por ter sido direcionada pelas mediadoras-oficineiras, não permitiu muita liberdade de criação ao grupo:

A oficina, o espaço em si lá na Bienal estava maravilhoso, mas as atividades... Aí é que ta... Era um pouco direcionada a proposta, mesmo eles podendo criar, às vezes eu percebia que tinha algumas repetições nas propostas, com os colegas tipo *quem sabe vocês fazem isso* foi induzida então eu senti assim que alguns conseguiram sair fora, e outros ficaram naquela repetitividade, aquela proposta repetitiva: “ quem sabe vocês fazem assim?” A mediadora dando a dica e eu acho que em artes não pode ser assim...Tu podes até jogar uma proposta, mas não ensinar como fazer, porque aí tu já estás...É repetitividade. (PEDRO, Escola Estadual, 22/07/08)

Perguntado se essa prática dos mediadores era freqüente no ateliê do PP da 6ª Bienal tendo em vista que ele visitou várias vezes a mostra o arte/educador assim respondeu:

Não, não... Foi só uma proposta isolada que me chamou a atenção, aí eu tinha um grupo de alunos...Porque a proposta foi de trabalho em grupo e aí um grupo saiu fora do contexto e a mediadora da oficina falou assim:- “Ah, mas a proposta não era essa ,os colegas de vocês fizeram outra coisa”. Reforçando no

sentido de vocês não seguiram o modelo, mas foi só uma menina, as outras deram toda a liberdade, tanto que eles queriam ficar mais tempo, não queriam sair da oficina. Então são tópicos bem diferentes. (PEDRO, Escola Estadual, 22/07/08).

Durante minha estada na escola, que durou aproximadamente uma hora e meia, observei que o educador tem uma relação de amizade com os educandos e oportuniza a troca de conhecimento com os outros educadores, realizando pesquisa na internet, juntamente com outras disciplinas. Isso é viabilizado porque a escola tem laboratório de informática equipado com vinte computadores, todos ligados à rede de internet, um scanner e uma copiadora, que instrumentalizam educadores e educandos para a realização de pesquisas e o desenvolvimento de trabalhos nas aulas de arte/educação e de outras disciplinas.

Falando de suas visitas às Bienais do MERCOSUL, o educador fez várias comparações de uma edição com a outra, fez comentário positivo da integração do PP da 6ª edição ao curatorial, enfatizando a criação do curador pedagógico. Disse não gostar da mudança na equipe de mediadores que, segundo ele, desde a 5ª Bienal colocou universitários que não são da área das artes e isso é perceptível na hora do encontro com o grupo, sendo possível ver quando quem está mediando é de outro curso. A opinião desse educador é contrária à dos outros entrevistados que foram unânimes ao comentarem sobre a participação de universitários de várias áreas de conhecimento na equipe de mediadores, pois isto enriquece as mediações com “outros olhares”.

Meu olhar ainda buscava outros reflexos e fui ao encontro de duas escolas que trabalham com Educação de Jovens e Adultos (EJA) -escola C e escola D-. Uma com jovens em situação de vulnerabilidade social com idade entre 13 e 21 anos e outra que acolhe trabalhadores com dificuldade de sociabilidade, desempregados, em tratamento psicológico e em recuperação por drogadição. As idades variam entre 21 e 84 anos, além de educação escolar que vai da alfabetização às séries finais.

O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores (CMETs) oferece oficinas de artesanato, visando geração de emprego e renda. Fui visitar por primeira a escola que trabalha com jovens, onde fui recebida pelo coordenador cultural, que é formado em Artes Cênicas, e ao me conduzir para a sala onde seria a entrevista foi me mostrando, orgulhoso, as dependências da escola. Por sua solicitação a entrevista foi realizada com ele, a arte/educadora e um educando de 16 anos da 5ª série que, segundo a educadora, “apesar das idas e vindas” é muito criativo e participa das oficinas de cerâmica e

informática. A escola funciona 10 horas por dia oferecendo refeições e oficinas em contra turno ao das aulas regulares.

Muito falante, a educadora, em conversa informal, durante breve ausência do coordenador, comentou da alegria de trabalhar naquela escola há dois anos:

Depois de tanto brigar com a SMED pra vir pra cá, enquanto outros educadores brigavam pra sair. Gosto de trabalhar aqui, é uma escola especial, cuido deles aqui na escola, digo deles por que 95% são meninos, e às vezes extrapolo, até na rua. Cato tiro do meio dos bandos, fico conversando dentro do carro, nas madrugadas, até meu marido ajuda, afinal temos que vencer o monstro das drogas de alguma maneira. Eu vou com a arte e muito diálogo. (LIGIA, EJA escola C, 09/06/08).

Segurando a mão do menino, a arte/educadora fala dos projetos que visam profissionalizar e gerar renda para os educandos. Na oficina de cerâmica são feitas panelas, utilitários para cozinha, colares e brincos, que são vendidos em feiras de artesanatos, congressos e outros eventos que a escola participa. Parte da renda é usada na compra de material para a oficina e o restante é dividido entre os meninos que colocaram os objetos a venda.

Na entrevista, tanto o coordenador como a educadora disseram que costumam visitar exposições com os educandos, mas quanto à visita dos educandos da escola em edições anteriores da Bienal não podiam responder por estarem na escola há apenas dois anos.

Só podemos falar da 6ª Bienal com essa escola, até por que participamos bastante... O Gilnei pode falar, pois sabemos que ele está aqui na escola desde pequenininho, por isso trouxemos ele, para ele falar também, principalmente de coisas de antes da nossa chegada. (LIGIA, EJA, escola C, 09/06/08).

Meio tímido o menino começa falando de suas visitas a todas as edições da Bienal do MERCOSUL:

Eu fui a todas as Bienais. Fui com as sôras e também fui sozinho, por que como moro aqui perto, na Vila dos Papeleiros, aí eu vou por que acho muito legal, até tem umas coisas muito doidas, mas é bom. Vou no Santander também. (Gilnei, educando do EJA, escola C, 09/06/08).

Os educadores falaram que não foi possível participar de tudo que o PP da 6ª Bienal ofereceu por que trabalham em turno integral e a escola não tem professores para substituí-los.

Nossa escola funciona de manhã e de tarde é de EJA, é uma escola diferenciada. (HUGO,Coord.Cultural da escola C, 09/06/08).

A gente só pode falar dessa última Bienal por que participamos ativamente (...) Vieram as mediadoras, fomos a alguns encontros com os professores, mas é que somos um grupo pequeno que tem que dar conta de tudo, então não dá pra ir a tudo como gostaríamos(...). (LIGIA, EJA, escola C, 09/06/08).

Os dois lamentaram por não ter participado nem mesmo do Simpósio e somente de poucos encontros com os professores. Eles demonstraram ter consciência de que essas atividades são ferramentas a mais na sua formação. Licenciada em Artes Visuais, bacharel em Artes Plásticas, a arte/educadora tem ainda uma especialização em Educação Digital, o que lhe possibilita desenvolver atividades com os educandos na área da informática que, segundo ela, ajuda-os a soltar a imaginação. No laboratório de informática, a arte/educadora criou “um ambiente propício para a integração da inteligência, da emoção e da tecnologia transformando a cognição em uma forma de consumo que estimula a imaginação”. (BARBOSA, 2005<sub>a</sub>, p.111).

Ao mesmo tempo em que os educandos adquirem mais conhecimentos através do computador, a educadora introduz conhecimentos sobre a arte, tanto em pesquisas na internet como na criação artística. Antes de visitar a Bienal usou as fichas dos *kits* do PP. Foi feito primeiro um estudo crítico sobre as obras:

Aqui mesmo nessa mesa redonda coloquei as fichas, depois nós analisamos, discutimos, eles imaginaram como seria a obra, por que o que eles estavam vendo eram fotos. (LIGIA, EJA, escola C, 09/06/08).

Após o estudo das fichas os educandos trabalharam na sala de informática e, usando seus conhecimentos, fizeram releituras das obras que tinham visto nas fichas. Ao ser perguntada sobre alternativas de atividades de materiais que fazem parte do cotidiano escolar nas suas aulas, ela assim respondeu:

Sim, nós conversamos isso porque eles estavam fazendo via informática comigo, mas eles poderiam fazer com reaproveitamento de materiais ou com materiais que tem na escola: massa de modelar, papéis, papelão e outros materiais que podem ser usados. Então eles sacaram muito bem que tinha outras formas de fazer releituras dos trabalhos, além do computador, a proposta da escola foi a informática, então a gente aliou também ao trabalho de artes a destreza manual deles, para fazerem reproduções na tela do computador de obras que são 3D em 2D, e ainda virtual, para isso teve todo esse processo na questão do processo criativo, do aprendizado, de aprender a lidar com os equipamentos, com o conceito de visão com tudo. . (LIGIA, EJA, escola C, 09/06/08).

Perguntei ao educando se ele tinha desenvolvido algum trabalho fora do PC<sup>9</sup> e, usando algum dos materiais citados pela educadora, ele afirmou ter gostado das torres porque tinha dado o acidente e ele lembrava muito. A obra citada é *As torres gêmeas* (Fig.28) de Osvaldo Salerno, artista paraguaio. Ao realizar a leitura da obra, o educando foi buscar as informações que trazia na memória sobre o atentado de 11 de setembro, nos Estados Unidos, o que lhe despertou interesse, pois os fatos de que ele tinha conhecimento estavam inteiramente ligados à imagem, dando uma significação à obra, compreendendo o contexto do fazer artístico. A origem do significado vem do mundo do observador, mas há também o mundo daquele que envia, isto é, do artista. (ROSSI, 2003, p.55).

A arte/educadora conta que, antes de visitarem a mostra, realizou um trabalho em grupo, no qual os educandos pesquisaram sobre os artistas e obras na internet, depois realizaram releituras em 2D e 3D de imagens escolhidas por eles. Ela salienta que algumas obras como: *As torres gêmeas*; *Uma vez, cada vez, todas às vezes* e *Vidas paralelas*, apareceram em todos os grupos e despertou interesse em todos os educandos tendo sido trabalhadas graficamente de diferentes formas, por cada um, assim que receberam os *kits* do PP, bem antes da abertura da Bienal:

Os trabalhos da 6ª Bienal desenvolvidos pelos alunos envolveram sensibilização e fruição artística, pesquisa e releitura com criação digital. A partir da observação das obras dos artistas que iriam participar da 6ª Bienal. Cada grupo, eram apenas três, fez uma releitura. Eles olhavam as fichas da Bienal e recriavam. Foi possível observar que algumas obras atraíam mais que as outras como, por exemplo, a das torres gêmeas, que

---

<sup>9</sup> PC = Gíria usada para se referir ao computador. Explicação minha.

apareceu em todos os grupos; as massinhas de modelar também. Tudo feito no PC em diversos programas (...).

(LIGIA, EJA, escola C, 09/06/08).



Fig.28 – *As torres gêmeas* de Osvaldo Salerno, 2005 (33x34x25cm). Materiais diversos.

O coordenador da escola enfatiza que o trabalho iniciou bem antes da abertura da Bienal, e isso gerou uma matéria para a RBS TV, no Programa “Jornal do Almoço”, cuja reportagem falava dos trabalhos sobre a mostra que já vinham sendo desenvolvidos em algumas escolas. Ele diz orgulhoso que a matéria na TV em um programa de grande audiência mostrou bem os meninos criando arte sobre a Bienal nos computadores da escola.

A escola foi visitada por mediadoras dias antes da abertura da Bienal ao público. O coordenador cultural comenta que logo no início os educandos ficaram meios tímidos, mas logo descontraíram e desenvolveram as atividades propostas pelo grupo do PP com muita facilidade por já terem recebido informações sobre as obras e artistas e exercitado o seu processo criativo junto com a arte/educadora no laboratório de informática da escola. Segundo Lígia foi uma experiência muito boa para ambos os lados. As mediadoras que foram questionadas pelos educandos o tempo todo o que deve ter contribuído para o aprimoramento das praticas pedagógicas e para os educandos que puderam por em pratica os conhecimentos adquiridos nas aulas de artes.

Mas pra elas [as mediadoras] foi uma prova de fogo, por que os guris sabiam tudo, tivemos total liberdade, tanto aqui como lá, durante o roteiro de visita. Eles [os educandos] queriam ver e saber tudo gostaram muito de ver ao vivo as obras que já tínhamos trabalhado. (LIGIA, EJA, escola C, 09/06/08).

Iniciei uma conversa informal com o educando Gilnei que me falou dos seus trabalhos de cerâmica, inclusive mostrando alguns colares muito bem acabados, perguntei-lhe como tinha sido para ele ver as obras na Bienal, depois de ter feito o trabalho no computador. Ele disse, meio tímido, que ficou surpreso com o tamanho da obra das massinhas de modelar e com as torres gêmeas de papelão, que não imaginava que pudesse ficar ‘tão direitinho o acabamento, bem legal’ e que uma das obras do artista argentino Jorge Macchi tinha mexido com os sentimentos dele principalmente por causa do nome: *Vidas Paralelas*.

Eu gostei mais daquela da caixinha de fósforo (Fig.29), fui lá ver com o colégio e fui mais um monte de vezes sozinho. Vi tudo várias vezes (...) Há, eu gostei, achei legal a sacada do cara, o jeito que ele fez. Eu imaginava normal, uma caixa de fósforos normal, que tava lá, mas bah, *muito tri!* (Gilnei, educando do EJA, escola C, 09/06/08).



Fig.29 – Obra “Vidas paralelas”, Jorge Macchi, 1998, caixa de fósforos (aberta) 7x20x20 cm.

Mesmo sem receber, por via de regra, os mesmos educandos da escola C, após completarem 21 anos, a escola D visitada posteriormente recebe educandos que já

completaram maior idade. Nessa escola foram entrevistadas duas educadoras, a conversa com a primeira -Aida- foi em uma sala apropriada para aula de artes, ampla e muito bem equipada, com mesas grandes, pias e tanques, como deveria ser em todas as escolas. Com a segunda -Ivone- foi no laboratório de informática também muito bem montado. A conversa com as duas foi bem descontraída e enriquecedora, porque pude observar o desenvolvimento das atividades da arte/educadora Aida que trabalhava com uma turma de educandos com idade bastante avançada na construção de esculturas de figuras humanas feitas com material reciclado:

Os adultos da primeira fase do EJA, ainda em fase de alfabetização, alguns com a idade bem avançada, fazem nessa sala papelagem<sup>10</sup> em garrafas e outros frascos plásticos para criarem bonecos para futuras instalações, que acontecem no segundo semestre, inspirada na obra de Nelson [Lerner]. (Fig.30) (...) Tem tudo a ver com o cotidiano deles, eles dizem: - ‘Olha lá, é uns bichinhos, uns aviõezinhos; - ‘Cara é um super-homem!’. Eles ficaram entendendo, percebendo o sentido:

- ‘Mas puxa, dá pra fazer arte com isso?’ Ou –‘Isso é arte sôra?’(...) A gente conversou bastante a respeito, e este ano, casualmente, eu estou trabalhando com reciclagem, garrafa Pet, papelagem e machê. Nós estamos construindo pequenas esculturas, bonecos com garrafas Pet e papel machê (...) Os tipos brasileiros que faz parte da temática desse ano na escola, que é ‘Brasil, que país é esse?’ Então eu busquei a questão da identidade. Vou fazer uma relação, é muito casual isso, o trabalho do Nelson com esse trabalho. No momento em que eu for dispor esses bonequinhos para uma exposição, então eu vou usar essa espacialidade que o Nelson usou. Vou dizer, olha tem um artista que faz isso, vamos tentar lembrar? O ano passado vocês viram na Bienal. E tem as lâminas, então é tranquilo. Eles vão lembrar, mesmo não tendo participado das oficinas da Bienal. (Aida, EJA, Escola D 16/06/08).

---

<sup>10</sup> Papelagem = Técnica que utiliza papel molhado e colagem, também chamada de papietagem. Explicação minha.



Fig.30 – Obra de Nelson Leirner *Lot(e)*, 2006  
Instalação (235x400x600cm)

Tendo referência o material das Bienais a gente fez várias mini-instalações numa sala. Então tinha um grupo que fez com velas, daí todo o dia tinham que chegar mais cedo e acender as velas eram uns canos pretos com uma vela dentro de cada um deles, assim espalhados no chão. Outro grupo fez uma montagem com o retro projetor e projetava na parede, outro fez um trabalho com slides e ficava projetando os slides na parede. Um outro grupo que encheu a sala com coisinhas que estavam penduradas no teto, e tudo do cotidiano deles. (...) Eu trabalhei mais com a arte contemporânea, os conceitos, trouxe alguns vídeos, as fichas da Bienal e com esse material todo, a gente discutiu sobre arte contemporânea. A partir disso a gente trabalhou o processo criativo deles e essa coisa da arte contemporânea mesmo de misturar uma série de linguagens (...) (IVONE, EJA, Escola D, 16/06/08).

Os trabalhos de artes desenvolvidos na escola, que tem uma arte/educadora como coordenadora cultural, envolvem a arte contemporânea, a história da arte e o desenvolvimento cognitivo e sociocultural dos educandos. De início, é estudada a parte teórica pelos grupos que pesquisam sobre arte conceitual, instalação e arte contemporânea, muitas vezes nos *kits* de material pedagógico gráfico que recebem ao visitarem exposições:

Usando muito os *kits* da Bienal e do Santander Cultural, vou jogando com os dois materiais, e eles aceitam, reagem bem às provocações que faço e vão fazendo relações com o cotidiano deles. (Aida, EJA, Escola D, 16/06/08).

“A arte contemporânea provoca uma outra relação de arte e público, relações que vão propor um outro jogo e cabe a cada um de nós pensarmos que jogo é esse”. (MARTINS, 2007, p.98)

Durante conversa informal, enquanto esperávamos a liberação do laboratório de informática onde seria realizada a segunda entrevista, percebi que o projeto pedagógico da escola segue os fundamentos educacionais de Paulo Freire, e que as arte/educadoras estão bem comprometidas por essa metodologia de ensino. Por isso partem do cotidiano dos educandos, para propor um outro jogo que se dá entre, arte, escolarização e ensino e que encaminhe os educandos para uma geração de renda como o artesanato, por exemplo. O fazer artístico é bastante motivado e, a partir das fichas do PP da Bienal e de outras exposições, as educadoras da escola desenvolvem diversas atividades.

A arte/educadora Ivone, que leciona no turno da noite, disse que gostaria de visitar outros espaços expositivos, além da Bienal do MERCOSUL, mas que não é possível porque todos os espaços expositivos funcionam somente até às 19h, com exceção da recém inaugurada Fundação Iberê Camargo, que fica aberta em um dia da semana até às 22h.

Infelizmente a gente vive aqui nessa cidade a tristeza de que os museus fecham às sete horas [19 horas] que é o horário que os alunos estão chegando para começar a aula. Então a Bienal do MERCOSUL eu já visitei (...) fazendo várias visitas com as turmas, uma em cada roteiro. (IVONE, EJA, Escola D, 16/06/08).

Educadores do noturno têm na Bienal a oportunidade de visitar exposições de arte com os educandos, oportunizando uma experiência estética, sendo que acontece apenas a cada dois anos. Sem contar que, no caso da educadora entrevistada, tem educandos que não terão essa oportunidade por que passam pela escola somente para completar o Ensino Fundamental, o que, normalmente, dura um ano. E se não for ano de Bienal ficam tolidos de vivenciarem uma aproximação com a arte contemporânea, pois raramente visitam exposições por iniciativa própria. Mesmo com essas limitações Ivone, tem em seu conteúdo programático estudos, reflexões e criação de obras com os educandos, usando fichas, vídeos, pesquisa na internet, na biblioteca e alternativas que ajudam a suprir a falta de visitas a espaços expositivos.

Bem no final do ano eu estava trabalhando com eles sobre o

conceito de instalação e performance, e aí eu retomei alguns daqueles materiais da Bienal ,e trabalhei com aquilo. (IVONE, EJA, Escola D, 16/06/08 ).

A escola D fica localizada no centro de Porto Alegre e tem um projeto pedagógico que engloba a (re)socialização por meio de grupos de conversa, realização de peças de teatro, do artesanato, da escolarização de EJA e de mostras com a produção artística dos educandos dentro e fora do ambiente escolar ( Fig.31 e 32). Isso contribui para o desenvolvimento de ensino-aprendizagem de pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar na idade regular e recebem dos arte/educadores, através da oportunidade de criar uma obra, o estímulo necessário -e quem sabe o único- para exercitarem seu processo criativo.

Por isso torna-se tão importante a postura do educador que vai trabalhar com as atividades criativas, pois ele é um facilitador no processo ensino-aprendizagem, é alguém que observa, ajuda, participa e junto semeia pensamentos criativos, conforme HAETINGER (1998).



Fig.31 e 32-“Alguns Brasis”, instalação da escola D apresentada na atividade CONVERSÇÕES INTERNACIONAIS 2008 – DIFERENÇA e FABULAÇÃO organizada pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED), no cais do porto de 24 a 26 de setembro/2008 - fotos Ada Sallabery de Almeida.

## REFLEXOS: CONSIDERAÇÕES OU PRISMAS

Essa pesquisa iniciou com a busca pessoal sobre os resultados/reflexos dos meus fazeres. Inicialmente foquei a procura no trabalho desenvolvido pela equipe da Ação Educativa (AE) da 6ª Bienal de Artes Visuais do MERCOSUL, onde fiz parte do Projeto Pedagógico (PP) como assistente de supervisão dos Mediadores, no MARGS. Meu olhar de arte/educadora ao mesmo tempo em que viu a importância do PP ao participar da equipe nos preparativos e durante a mostra, provocou-me inquietações no sentido de saber se as ações desenvolvidas pela AE da 6ª Bienal continuariam contribuindo com a educação em arte nas escolas que participaram do PP e se os *kits* do material pedagógico gráfico e os exercícios críticos neles contidos estariam sendo aplicados em algum momento e se eram usados como subsídios para educadores e educandos. Se o material usado por alguns dos artistas nas obras da Bienal faz parte do cotidiano dos educandos, sendo possível desenvolver atividades em sala de aula a partir deles, era outra inquietação que me instigava a pesquisar.

Os reflexos do PP começaram a ficar visíveis ainda durante a Bienal quando pude perceber que as ações do PP acontecidas antes da abertura da mostra estavam apresentando resultados positivos. O acesso de educadores e educandos, além do transporte gratuito, ganhou mais um dia: diferente das outras edições que abriam de terça a domingo, a 6ª Bienal abriu suas portas de domingo a domingo. A aproximação com a arte contemporânea, além de ganhar um dia a mais na mostra, iniciou um ano antes com encontro de professores e visita dos mediadores às escolas, entre outras atividades, o que era perceptível no repertório de educadores e, principalmente, dos educandos que chegavam ao MARGS, durante a Bienal, com outro olhar. A estranheza que habitualmente a arte contemporânea provoca no apreciador dava lugar à curiosidade instigada pelas ações do PP que antecederam a mostra.

Na minha leitura, o objetivo do PP de fazer uma bienal mais pedagógica e da visita à mostra mais uma etapa do projeto pedagógico e não o encerramento do mesmo estava se concretizando, e está assim registrado no Relatório de Responsabilidade Social da Fundação Bienal e no Livro do Material Pedagógico 2008: “(...) As atividades do *Projeto Pedagógico* foram iniciadas ainda em 2006, com ações programadas para todo o ano de 2007. A visita à mostra foi apenas uma das etapas deste importante processo educativo”. (FUNDAÇÃO BIENAL 2007 p 13)

Na 6ª Bienal do MERCOSUL, através da antecipação das ações, iniciadas em 2006, o PP atingiu um novo patamar. Os aspectos educativos tiveram uma centralidade ainda maior que nas edições anteriores, sendo a sexta edição proposta como uma Bienal pedagógica. A ênfase na educação foi incorporada plenamente, tornando o projeto pedagógico parte do projeto curatorial (...) (FUNDAÇÃO BIENAL DO MERCOSUL, 2008, P. 7).

Foram horas de leitura no NDP da Fundação Bienal, mas essas leituras só responderam a uma parte das minhas inquietações. Os resultados positivos dos dados encontrados nos registros do NDP confirmaram que a educandos e educadores foi propiciado o acesso e a aproximação com a arte contemporânea. Faltavam ainda muitas respostas, pois os reflexos no fazer cotidiano das escolas ainda não estavam visíveis. Fui a campo em busca do objeto empírico, visitei 7 escolas, entrevistei 10 educadores e 6 educandos. Dos educadores entrevistados, oito eram mulheres, o que vai ao encontro a resultados de uma das pesquisas de Ana Mae Barbosa que indica que “dos professores envolvidos na pesquisa a maioria era mulher, o que mostra a realidade do nosso ambiente escolar, onde predomina cada vez mais a figura docente feminina” (BARBOSA, 2005<sub>b</sub>, p. 209). Cabe salientar que um dos entrevistados é coordenador cultural da escola, o que diminui, no caso dessa pesquisa, o número de homens atuando em sala de aula.

Poderia buscar mais reflexo, e encontraria, com certeza; poderia ter optado por fazer comparações da arte/educação em escolas que participaram da AE da Fundação Bienal, com outras que não participaram; medir resultados, traçar gráficos e estatísticas. Como iniciei essa viagem a partir de um questionamento pessoal, querendo encontrar resultados do meu/nosso trabalho como mediadora e assistente de supervisão em duas bienais, fui em busca de educadores que haviam participado do PP e visitado a 6ª edição da Bienal do MERCOSUL.

Em todas as escolas visitadas vi/enxerguei parte desses reflexos. Em algumas, não passam de atividades costumeiras, sem novidades e com pouco envolvimento dos educandos com o fazer artístico e com a arte contemporânea. Na maioria, os reflexos são bem efetivos, os educadores participaram do PP, visitaram a 6ª Bienal e continuam usando as fichas do PP como ferramenta auxiliar nas suas aulas de artes.

Em cinco das escolas visitadas: uma EMEI, duas de Educação Especial e duas de EJA, os reflexos da AE da 6ª Bienal são tantos que formam prismas que atingem, além dos educandos, a direção, outros educadores, que não atuam na área das artes,

funcionários, familiares e a comunidade em geral. Reflexos que iniciam com o desenvolvimento de atividades na sala de aula, com o fazer artístico dos educandos, tomam conta de corredores e salões das escolas com exposições de trabalhos individuais e de instalações construídas na coletividade das turmas, e chegam à grande comunidade com a participação da escola e mostras da SMED e de outras instituições culturais e universidades locais.

Ao trabalho, inicialmente individual ou de pequeno grupo, juntam-se outros olhares que estimulam o fazer artístico, muitas vezes menosprezado pelo próprio sujeito criador que pensa que “não sabe fazer arte”. Assim, a arte/educação cumpre seu papel de formar educandos mais críticos, com repertório diversificado, que pesquisam e discutem a arte como uma maior aproximação da arte contemporânea e que desenvolvam seu processo criativo estimulados por experiências empíricas e cognitivas.

Acredito que essa pesquisa possa contribuir para que educadores das artes e de outras disciplinas se motivem a desenvolverem suas atividades a partir -e não só- dos materiais pedagógicos disponibilizados pela AE da Bienal do MERCOSUL e de outros espaços culturais. Que também visitem as exposições existentes na cidade com a proposição de “aulas externas”, como colocou um dos entrevistados, e se posicionem no sentido de questionarem os museus e espaços públicos, onde ainda não existem PPs efetivos para que esses vejam/enxerguem a importância de parcerias com as escolas para a arte/educação. Por fim, que a partir de movimentos nesse sentido seja dada a importância necessária a projetos pedagógicos em exposições que, quando acontecem efetivamente, muito contribuem para o desenvolvimento empírico e cognitivo dos educandos que, muitas vezes, têm na escola a única oportunidade de aproximação com a arte.

Essas são minhas considerações sobre os resultados obtidos nessa pesquisa. Não são finais porque os reflexos do Projeto Pedagógico da 6ª Bienal, acredito que continuarão acontecendo e o meu desejo de arte/educadora/sonhadora é que seus prismas possam refletir em outras escolas. Utopia?? Acredito que não, porque são ações que só ganham credibilidade com o passar do tempo, quando os resultados positivos começam a ter visibilidade: os reflexos/prismas. E também porque, logo logo, vem a 7ª Bienal, a 8ª, a 9ª...

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, Nelson (org.) *4ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul*. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2003.

AMARAL, José Luiz. *Encontros de final de tarde*. In: *Jornal do MARGS*, Porto Alegre, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_(org). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005<sub>a</sub>.

\_\_\_\_\_*Artes visuais: Da exposição á sala de aula*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005<sub>b</sub>.

DUARTE JR, João Francisco. *Porquê arte-educação?*. Campinas: Papirus, 1996.

FIDELIS, Gaudêncio; DUARTE, Paulo Sergio (org). *A persistência da pintura*. Porto Alegre, Fundação Bienal do Mercosul, 2005.

FRANZ, Terezinha Sueli. *Educação para a compreensão da arte*. Florianópolis: Insular, 2001.

HAETINGER, Max Günther. *Criatividade: crinado arte e comportamento*. Porto Alegre: Odisséia, 1998.

LIMA, Maria Tomaselli Cirne & FERREIRA, Paulo Roberto Gaiger. *A pasta cor-de-rosa e a Bienal*. In: *Jornal do MARGS*, PORTO ALEGRE, 2005 / Nº110 p. 14.

MARODIN, Pedro. *Sem meias palavras: poemas de André Appel*. Porto Alegre: [s.ed], 2007.

MARTINS, Mirian Celeste. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo – Poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

MERCOSUL, Fundação Bienal do. *Folder de divulgação da 6ª Bienal do Mercosul*. Porto Alegre, Fundação Bienal do Mercosul, 2007.

MERCOSUL, Fundação Bienal do. *Guia da 6ª Bienal do Mercosul*. Porto Alegre, Fundação Bienal do Mercosul, 2007.

MERCOSUL, Fundação Bienal do. *Material Pedagógico*. Porto Alegre, Fundação Bienal do Mercosul, 2008.

MERCOSUL, Fundação Bienal do. *Relatório de Responsabilidade Social: 6ª Bienal do Mercosul*. Porto Alegre, Fundação Bienal do Mercosul, 2007.

ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam: Leitura da Arte na Escola*. Porto Alegre: Meditação, 2003.

QUINTA BIENAL DO MERCOSUL. *Ação Educativa: caderno de textos*. Porto Alegre: Fundação Bienal, 2005.

\_\_\_\_\_ *Ação Educativa: material do professor*. Porto Alegre: Fundação Bienal, 2005.

## ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESPECIALIZAÇÃO EM  
PEDAGOGIA DA ARTE  
GORETI COSTA BUTIERRES  
QUESTIONÁRIO PARA ARTE/EDUCADORES

- 1- Você costuma visitar exposições de artes com seus educandos?
- 2- Visitou as bienais do MERCOSUL quantas vezes e em quais edições?
- 3- Você/sua escola participaram dos eventos oferecidos pela fundação bienal de artes visuais do MERCOSUL, antes e durante as mostras?
- 4- Antes da visita foi desenvolvida alguma atividade com os educandos, sobre a bienal, as obras ou alguns dos artistas?
- 5- o projeto pedagógico -pp- da 6ª bienal foi diferente dos de outras bienais, por quê?
- 6- A fundação bienal disponibiliza material pedagógico sobre as mostras, ele é usado nas suas aulas de arte/educação?
- 7- Esse material contribui para o desenvolvimento das atividades relacionadas com a arte contemporânea? Foi oportunizado aos educandos fazerem questionamentos antes, durante e depois da visita a bienal?
- 8- As obras apreciadas e os materiais nelas apresentados têm relação com o cotidiano dos educandos, é possível desenvolver atividades em sala de aula tendo as obras da bienal como referência?
- 9- A 6ª bienal ofereceu oficinas para aproximar os educandos com as obras apresentadas, seu grupo participou? O que você achou?
- 10- Os seus educandos puderam criar com liberdade na oficina? O objetivo do pp foi alcançado com a sua turma?
- 11- Pós-bienal você desenvolveu alguma atividade relacionada com a mostra com seus educandos usando o material do pp?
- 12- Deseja acrescentar mais alguma coisa sobre o assunto desta entrevista?